

**U E N F**

**Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro**

**Centro de Ciências do Homem**

**Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política**

**“Alertas em tempos de guerra”: Igreja Universal e interfaces com a ordem social –  
Entre respostas urgentes, “encantadas” e racionalizadas**

**Gustavo Silvino de Oliveira**

Dissertação de Mestrado em Sociologia Política apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

Campos dos Goytacazes-RJ  
Dezembro de 2010

**“Alertas em tempos de guerra”: Igreja Universal e interfaces com a ordem social – Entre respostas urgentes, “encantadas” e racionalizadas**

Gustavo Silvino de Oliveira

Dissertação de Mestrado em Sociologia Política apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como requisito para a obtenção do título de mestre em Sociologia Política.

Aprovada em 21 de dezembro de 2010.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Wania Amélia Belchior Mesquita (Orientadora-UENF)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Vânia Morales Sierra (UERJ)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Diana Nogueira de Oliveira Lima (IESP-UERJ)

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup> Alexandre Brasil Carvalho da Fonseca (UFRJ)

A Marcelo Freixo do PSOL pela coragem e luta em defesa dos explorados e oprimidos.

Dedico a Gabriela Fresen, João Felipe Salomão, Artur Dalla Cipreste, Felipe Sellin e Marcos Abraão.

Cada um de vocês fez valer dias ensolarados, chuvosos, nebulosos. Fizeram da aridez, da desfaçatez, a polidez de sorrisos estampados que ficaram imortalizados, consagrados em algum lugar, sempre que lembrar.

Dedico a todos que acreditam no socialismo, no resgate da utopia, a fim de enfrentar a desesperança, desencanto, imobilismo, ceticismo, fatalismo, apatia que intoxica o dia-a-dia e gera letargia.

(...) Diz que deu, diz que Deus, diz que Deus dará,  
Não vou duvidar,ô nega e se Deus não dá, como é que vai ficar, ô nega?  
Diz que deu, diz que dá, e se Deus negar, ô nega  
Eu vou me indignar e chega, Deus dará, Deus dará  
Deus é um cara gozador, adora brincadeira  
Pois pra me jogar no mundo, tinha o mundo inteiro  
Mas achou muito engraçado me botar cabreiro  
Na barriga da miséria nasci batuqueiro  
Eu sou do Rio de Janeiro  
Diz que Deus dará, diz que dá, não vou duvidar,ô nega  
E se Deus não dá, como é que vai ficar, ô nega?  
Diz que deu, diz que dá, e se Deus negar, ô nega  
Eu vou me indignar e chega, Deus dará, Deus dará  
Jesus Cristo ainda me paga, um dia ainda me explica  
Como é que pôs no mundo essa pouca titica  
Vou correr o mundo afora, dar uma canjica  
Que prá ver se alguém me embala ao ronco da cúica  
E aquele abraço prá quem fica  
Diz que Deus dará, diz que dá, não vou duvidar  
E se Deus não dá, como é que vai ficar, ô nega?  
Diz que deu, diz que dá, e se Deus negar, ô nega  
Eu vou me indignar e chega, Deus dará, Deus dará  
Diz que Deus dará, diz que dá, não vou duvidar,ô nega  
E se Deus não dá, como é que vai ficar, ô nega?  
Diz que deu, diz que dá, e se Deus negar, ô nega  
Eu vou me indignar e chega, Deus dará, Deus dará  
Deus me deu mão de veludo prá fazer carícia  
Deus me deu muita saudade e muita preguiça  
Deus me deu perna comprida e muita malícia  
Prá correr atrás da bola e fugir da polícia  
Um dia ainda sou notícia  
Diz que Deus dará, diz que dá, não vou duvidar,ô nega  
E se Deus não dá, como é que vai ficar, ô nega?  
Diz que deu, diz que dá, e se Deus negar, ô nega (...)

**Partido Alto**  
Chico Buarque de Holanda

## **Resumo:**

O presente trabalho traz como enfoque a Igreja Universal do Reino de Deus, vertente do ramo neopentecostal que tem se destacado no campo religioso brasileiro pelo perfil popular, dinâmico, pela capacidade aglutinadora, mobilizadora e inovadora, pela plasticidade, fluidez e flexibilidade com que tem se conduzido e se adaptado à ordem social capitalista, que concebe a ideologia do bem estar, da prosperidade econômica, do desempenho e produtividade, da competitividade, dos imperativos da felicidade, da cultura do consumo e subjetividade, como estilos de vida e valores reproduzidos e afirmados. A Igreja Universal tem jogado esforços em expandir-se e difundir-se como um modelo religioso em sincronia e conformidade com a dinâmica estabelecida, com o espaço urbano erigido nas cidades brasileiras, em especial no Rio de Janeiro onde emerge no final dos anos 1970 – e em Campos dos Goytacazes no fim dos anos 1980. Tem erguido e edificado lugares de culto (aparatos imponentes, de luxo e conforto) em ritmos elevados e prestado um serviço religioso de larga medida e alcance em face dos fluxos urbanos das cidades onde se multiplica. Tem se “politizado” e animado os desafortunados a erguerem a cabeça e enfrentar o “diabo” do dia-a-dia com as armas divinas e profanas.

O trabalho, que toma como recorte de aplicabilidade Campos dos Goytacazes, se reserva (em termos teórico-metodológicos) a perseguir as trilhas de Geertz, Hervieu-Léger, Berger, (em conjunto com os pesquisadores do fenômeno no Brasil) informados por Weber a partir da abordagem de tomar a religião como sistema que ordena, regula, (governa a conduta de vida) e fornece, sobretudo, significados, sentidos, valores – e motiva os que aderem a fazer escolhas, tomar atitudes.

**Palavras-chave:** Igreja Universal do Reino de Deus, Neopentecostalismo, Novos Movimentos Religiosos, ordem social capitalista, espaço urbano, Campos dos Goytacazes.

## **Abstract:**

This work brings to focus the Universal Church of the Kingdom of God, part of the Neopentecostal branch that has been prominent in the religious field in Brazil by the popular profile, dynamic, the unifying capacity, engaging and innovative, the plasticity, fluidity and flexibility with which it has driven and adapted to the capitalist social order, which conceives the ideology of welfare, economic prosperity, performance and productivity, competitiveness, the imperatives of happiness, of consumer culture and subjectivity, as lifestyles of reproduced and affirmed values. Universal has played in efforts to grow and spread as a religious model in sync and compliance with the established dynamic, with the urban fabric erected in Brazilian cities, especially in Rio de Janeiro where it emerges at the end of the 70 - and Campos dos Goytacazes in the late 80's. It has built places of worship (imposing apparatus of luxury and comfort) at high rates and provided a large measure of religious service and outreach in the face of urban flows of cities where it multiplies. Has been "politicized" and excited the unfortunate to stand up and face the day to day's "Devil" with divine and profane weapons.

The work, which takes as crop of applicability Campos dos Goytacazes, reserves (in theoretical and methodological terms) to pursue the tracks of Geertz, Hervieu-Léger, Berger, (together with researchers of the phenomenon in Brazil) informed by Weber from the approach of taking the religion as a system that orders, regulations, (governs the conduct of life) and provides mainly, meanings and values - and motivates those who adhere to make choices, take action.

**Keywords:** Universal Church of the Kingdom of God, Neopentecostalism, New Religious Movements, Capitalist Social Order, Urban Space, Campos dos Goytacazes.

## **Agradecimentos:**

Dirijo os sinceros agradecimentos a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UENF que me aceitaram como parte integrante do mestrado, turma 2008, como Márcia Leitão, Rogério Dultra, Hugo Borsani, Yolanda Lobo, Sérgio Azevedo, Sérgio Silva, Javier Alejandro, Lana Lage e em especial a Wania Mesquita. Com Wania aprendi a aprender o caminho de caminhar sozinho. Obrigado pelos toques e esforços rigorosos para me preparar como pesquisador. Sempre grato a você.

Agradeço a um conjunto de professores da UFF de quem tive a oportunidade de ter sido aluno na fase da graduação em Ciências Sociais, cabe lembrar: Maurício Vieira Martins, Luis Carlos Fridman, Marcos Otávio Bezerra, Gisálio Cerqueira Filho, Maria Celina D'Araújo, entre outros. Vocês fizeram minha cabeça. Com reservas. A todos os camaradas da UFF, colegas de turma como Fábio Braga, Romero Jasku, de universidade e do movimento estudantil.

Agradeço a professora Diana Lima por ter me recebido com gentileza e generosidade no IUPERJ onde fiz curso como aluno especial a fim de aprimorar a pesquisa e desenvolver a dissertação de mestrado. Hoje digo que foi oportuno e salutar freqüentar as aulas no IUPERJ onde amadureci o trabalho e decidi o foco.

Agradeço a FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) pela bolsa de mestrado que foi (bem) utilizada (empregada) para pagar os estudos por mim desenvolvidos, conduzidos, os livros, as idas a eventos acadêmicos, o aluguel para me manter em Campos, bem longe de casa.

Agradeço a todos os colegas, camaradas da fase do mestrado. A todos que foram e são, parte de uma geração que não temeu, lutou, perdeu, ganhou, mas jamais se curvou ou se dobrou. Artur, Felipe, João. Angeline, Suellen, Rosselini, Ana Paula, Sana, Américo, Marcão.

Outros colegas como Renan Lubanco que conheci e aprendi a ter afinidade e amizade na UENF e fora da UENF em certa medida pelos gostos parecidos: um deles o bom samba de Chico, Noel Rosa, Cartola, Paulinho da Viola, Bezerra da Silva, Velha Guarda da Portela, da Mangueira. Os movimentos populares. Outro camarada que não se pode esquecer chama-se Nilo Azevedo de quem recebi de presente 2 livros da biografia de Che Guevara, trazidos diretos de Cuba. Travamos longos papos sobre política, movimento estudantil. Trata-se de um cara de fala serena, tranqüila e segura, embora se lambuze nos medicamentos.

Agradeço a Gisele Filippo pela amizade fortalecida e içada no dia-a-dia da casa que compartilhamos. Tenho sentido falta do cotidiano na casa, dos almoços, das festinhas, das cervejinhas, do futebol na TV, dos filmes, das briguinhas de rotina, das filas para o banho, do carro do gás, do sorvete Poliana, do ônibus Conquistense, da padaria, dos debates travados todos os dias, dos sonhos, das perplexidades, das fantasias e de tudo que compartilhamos juntos: eu, você, Gabi, João, Artur, Felipe, Marcão e os agregados.

Agradeço a Gabi que conheci na fase do mestrado e jamais esqueci. Você foi um grande suporte, braço forte com amor, um norte encorajador. Você foi (e tem sido), de modo atrevido, um encanto, um canto que me acalma, me faz ter alma. Sem você talvez não tinha por quê. Você me fez perceber, no alvorecer de cada dia a alegria de viver.

Agradeço o carinho da tia Dorinha, do Sr. Silvio e da Sílvia por me receberem como um filho, por me buscarem nas madrugadas dos (longos) trajetos Rio-Campos. Pelos conselhos repletos de lucidez, sensatez, altivez, pelos almoços saborosos. Vocês ocuparam com destaque grande parte da fase do mestrado e extra-mestrado. Adoro vocês.

Agradeço a meus pais pela vida. A quem sempre recorro nas dificuldades.

## SUMÁRIO:

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Apresentação.....</b>   | <b>11</b> |
| <b>Pesquisa de campo e metodologia.....</b>  | <b>14</b> |
| <b>Introdução.....</b>   | <b>24</b> |
| <br>   |           |
| <b>Capítulo 1:</b>   |           |
| A Igreja Universal do Reino de Deus: “Projeto” difusor e global – Origem, deslocamentos e desdobramentos na ordem social.....                  | 28        |
| <br>   |           |
| <b>Capítulo 2:</b>   |           |
| ‘Do local para o global’: O projeto e lugar da Igreja Universal na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ.....                                     | 38        |
| 2.1 Campos dos Goytacazes: Um debate a luz do paradigma urbano erigido na cidade.....  | 39        |
| 2.2 O lugar e papel da Igreja Universal na cidade de Campos dos Goytacazes.....  | 42        |
| 2.3 A Catedral da Fé: Sede da IURD em Campos – um “ponto de luz” ou “ilha de prosperidade” no Centro da cidade.....                            | 45        |
| 2.4 Igreja Universal em contexto de pobreza e medo: canal de “prosperidade” e sociabilidade.....   | 48        |
| <br>   |           |
| <b>Capítulo 3:</b>   |           |
| Plantão espiritual na Igreja Universal: Assistência prestada nos templos – Qual o seu problema?.....   | 55        |
| 3.1 Uma etnografia das reuniões na Catedral: “Para espantar todo o mal” – alojado, incrustado e indesejado.....                                | 58        |
| <br>   |           |
| <b>Capítulo 4:</b>   |           |
| Projeto de poder global e local da Igreja Universal em Campos: um personagem na igreja e na política – a presença de “Cristo” na política..... | 64        |
| <br>   |           |
| <b>Capítulo 5:</b>   |           |
| Igreja Universal e ordem social: “entre imagem e semelhança”.....  | 73        |
| <br>   |           |
| <b>Considerações Finais.....</b>   | <b>84</b> |
| <b>Bibliografia.....</b>   | <b>85</b> |

## **Apresentação:**

A presente dissertação de mestrado logra conceber as interfaces da Igreja Universal<sup>1</sup> estabelecida na ordem social capitalista hoje a partir de um estudo de caso, operado e mobilizado em Campos dos Goytacazes-RJ, aplicado nos lugares de culto e nas atividades produzidas pela igreja onde geramos entrevistas com um conjunto de membros, frequentadores de diferentes matizes, idades e segmentos.

Pode-se dizer que o enfoque adotado tem origem de certo modo – se recompor as bases e pegadas do trabalho – na graduação onde na monografia para obter o grau de bacharel em Ciências Sociais na UFF (Universidade Federal Fluminense) em 2007, me ocupo em estudar, entender e interpretar o fenômeno do pentecostalismo no Brasil e tomo como diretriz e chave a Igreja Universal, com centralidade ou primado no “culto” do “diabo” como fonte dos males, infortúnios na rotina da igreja – malgrado os limites.

Embora tenha sido um trabalho bem abrangente e amplo sobre o pentecostalismo no Brasil, desenvolvi as primeiras pesquisas de campo em lugares de culto da IURD nos bairros do Ingá e do Fonseca na cidade de Niterói a fim de conhecer e conceber a dinâmica da igreja e poder delimitar um foco e parâmetro de pesquisa.

Com base em disciplina cursada no departamento de Sociologia e Metodologia da UFF, ministrada pelo professor Maurício Vieira Martins (Prática de Pesquisa Sociológica: Sociologia da Religião), fiz as primeiras leituras sobre o fenômeno religioso em geral onde o trabalho final foi definido de modo a articular entrevistas geradas e produzidas no campo escolhido e textos lidos, discutidos.

No mestrado em Sociologia Política na UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro), onde começo em 2008 a cursar como bolsista FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), decidimos permanecer com o respectivo objeto de pesquisa (para facilitar os investimentos despendidos) a fim de desenvolver um trabalho sobre a Igreja

---

<sup>1</sup> Utilizaremos Igreja Universal de modo a padronizar o texto, formalizar o objeto de estudo. Por outro lado, emprego em grande medida a sigla IURD que corresponde a Igreja Universal do Reino Deus para dinamizar o texto e para evitar ser repetitivo todas as vezes que tiver que me referir a Igreja Universal.

Universal como recorte, mote, que se justifica em certo sentido, por me interpelar no tempo presente e por me gerar estranheza, perplexidade de modo que estica o rebanho, se alarga com lastro social, organicidade, se fortalece e ocupa um lugar de destaque no presente campo religioso brasileiro e na vida social como um todo.

A Igreja Universal tem despertado o interesse de uma centena de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que mobilizam trabalhos sobre os Novos Movimentos Religiosos (NMRs) que engloba a IURD, entre outras vertentes do neopentecostalismo.

Escolhi como suporte, norte e referência para pavimentar os caminhos por mim percorridos (perseguidos) a fim de desenvolver um trabalho de fôlego e volume sobre a IURD, a professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política Wania Mesquita, com trabalhos produzidos e defendidos (bem sucedidos) sobre o respectivo culto e fenômeno religioso.

Contudo, me dedico a estudar os cultos pentecostais e neopentecostais, com base na IURD em Campos dos Goytacazes-RJ, cidade onde me integro no grupo de pesquisa gerado na UENF, destinado a desenvolver e mobilizar trabalhos, em geral sobre o fenômeno do pentecostalismo (com um conjunto de alunos-pesquisadores empenhados em trabalhos sobre o tema) e do problema da sociabilidade, das dinâmicas e redes sociais na periferia da cidade, dos moradores de favela.

No decorrer do curso de mestrado, participamos de grandes eventos acadêmicos em todo o Brasil das Ciências Sociais (como ANPOCS e SBS) onde publico e apresento trabalhos (de um lado como autor ou por outro como co-autor, observador e cabe destacar: o I Seminário de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF, a IX Mostra de Pós-Graduação da UENF, a 1ª Semana Acadêmica Unificada da UENF, a 62ª Reunião Anual da SBPC, a 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, o 5º Seminário de Ciência Política da UFF) e me integro nos grupos de pesquisas organizados nos encontros sobre o fenômeno religioso a fim de discutir e dialogar com um conjunto de pesquisadores do tema no Brasil como Ari Pedro Oro, Carlos Alberto Steil, Cecília Mariz, Clara Mafra, Diana Lima, Emerson Giumbelli, Maria das Dores Campos Machado, Patrícia Birman, Ricardo Mariano,

Roberta Campos, Ronaldo de Almeida, entre outros intelectuais que tem produzido artigos e defendido teses sobre o enfoque.

Para me aprofundar nas leituras sobre o fenômeno religioso em geral, curso no 1º semestre de 2010, como aluno especial, disciplina externa (Sociologia e Antropologia da Religião) no IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro) dedicada a desenvolver abordagem sobre as teorias tidas como pilares (bases) do tema, o significado da categoria religião na cultura ocidental moderna, as identidades produzidas em face de um “ethos público”, os Novos Movimentos Religiosos (NMRs) e as supostas interfaces no conjunto da vida social, onde se enfatiza a dinâmica estabelecida entre os diferentes fenômenos e componentes religiosos, conduzida pela professora Diana Lima.

No curso produzimos um trabalho final com base nas leituras de certo modo elementares do tema, de autores “canônicos”, a saber, Max Weber (2000; 2002; 2004; 2006), Peter Berger (1973; 2001), Clifford Geertz (1989), Daniele Hervieu-Léger (1997; 2000; 2008) onde tomamos como enfoque geral, as interfaces da Igreja Universal na ordem social. Por interfaces entendemos as mobilidades e costuras operadas pela Igreja Universal em diferentes frentes, campos e esferas: religiosas e não-religiosas, plasticidade, fluidez e adaptabilidade que confere a respectiva modalidade certa singularidade – um “ethos” neopentecostal, se podemos dizer.

Os deslocamentos e compartilhamentos produzidos pela Igreja Universal no campo religioso brasileiro e nas diferentes frentes que ocupa a partir de uma identidade religiosa estabelecida em conformidade com a ordem social capitalista, que concebe a ideologia do bem estar, da prosperidade econômica, do desempenho, performance e produtividade, da competitividade, dos imperativos da felicidade, do empreendedorismo, da cultura do consumo e subjetividade, como estilos de vida e valores reproduzidos e afirmados, capazes de ordenar uma conduta de vida.

## **Pesquisa de campo e metodologia:**

De 2008 a 2010, fase do mestrado em Sociologia Política na UENF buscamos mobilizar e produzir pesquisas de campo (nos limites permitidos) com enfoque na Igreja Universal, onde estabelecemos um parâmetro, objetivo e delimitamos Campos dos Goytacazes-RJ, cidade do Norte Fluminense, como recorte de aplicabilidade do trabalho. Utilizamos um conjunto de procedimentos e ferramentas de pesquisa com destaque para o trabalho de campo, onde geramos entrevistas e fizemos um caderno de campo.

Tomamos como suporte para a pesquisa um conjunto de dados como o Censo do IBGE gerado no ano 2000 sobre o perfil religioso brasileiro onde logramos recolher e detalhar o de Campos dos Goytacazes a fim de analisar em particular o espectro e lugar da Igreja Universal no campo religioso geral, mas, sobretudo em Campos dos Goytacazes (como se localiza e se insere a igreja em Campos dos Goytacazes?), em que o catolicismo lidera com vantagem, predomina com um grande rebanho, embora temos identificado uma significativa ofensiva dos setores pentecostais e neopentecostais no espaço urbano.

Descobrimos na medida em que demos a largada a fim de produzir a pesquisa sobre a Igreja Universal uma grande escassez de fontes e trabalhos pertinentes mobilizados com foco no tema do pentecostalismo em Campos dos Goytacazes, embora sabemos que temos uma enorme oferta de bibliografia em geral hoje sobre o fenômeno, produzido por um conjunto de pesquisadores nos grandes centros e institutos de pesquisa – e no Laboratório de Estudos da Sociedade Civil e do Estado, do CCH (Centro de Ciências do Homem) da UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense) na fase recente.

Conduzimos um estudo de caso com base na Igreja Universal na cidade de Campos dos Goytacazes onde produzimos etnografias, artigos (e socializamos nos encontros acadêmicos) a partir das pesquisas desenvolvidas, estruturadas nos trabalhos de campo em lugares de culto, atividades, com membros de todas as facetas, matizes – de liderança jovem a bispo da igreja.

Freqüentamos diferentes lugares de culto (templos) onde geramos entrevistas semidiretivas ou em certa medida estruturadas, aplicadas a lideranças da Igreja Universal como bispos e pastores e membros em geral, freqüentadores de ambos os sexos e diferentes idades<sup>2</sup>.

Contabilizamos nas entrevistas geradas (10 entrevistas) pelo menos 2 bispos, um deles reconhecido como um grande interlocutor e porta voz da Igreja Universal na cidade de Campos dos Goytacazes e no Estado do Rio de Janeiro como um todo (afastado do cargo institucional na IURD em virtude das atividades políticas de que se ocupa), o outro trata-se do que tem conduzido os grandes cultos (que na Igreja Universal corresponde a reuniões<sup>3</sup>) e respondido de certo modo pela igreja na cidade, 1 pastor, 1 candidato a pastor, 2 obreiros, 1 liderança jovem que se organiza no grupo conhecido por “Força Jovem” e 3 membros sem tarefas formalizadas ou freqüentadores – fora o que não registramos em conversas informais, abertas.

Demos ênfase a 2 unidades da Igreja Universal em Campos dos Goytacazes: uma, a saber, a Catedral sede, localizada no Centro da cidade e outra nas proximidades de um conjunto de favelas de Campos dos Goytacazes. Todas instaladas em avenidas com grandes fluxos urbanos.

As perguntas em termos de parâmetro giraram em torno da escolha pela Igreja Universal (e por que não outras vertentes, igrejas?), do primado no “diabo” como “figura” de destaque na rotina dos membros, dos cultos (reuniões), dos serviços religiosos oferecidos (prestados) pela igreja (como prosperidade, cura), das respostas “urgentes” e alertas para os dramas enfrentados no cotidiano (como lidam com os problemas em geral, com os “riscos” e como a Igreja Universal tem ajudado a “regenerar”, “melhorar” a vida?), a saber, o desemprego, enfermidades, conflitos com namorados, com entes e sobre política, se vota em candidatos da igreja, por exemplo, o significado da atividade para os que aderem à ordem ou cosmologia da igreja.

---

<sup>2</sup> A Igreja Universal se estrutura conforme um corpo de bispos, pastores e obreiros pela ordem, que se responsabilizam pelos templos, pelas reuniões semanais, pelas campanhas temáticas.

<sup>3</sup> Embora os cultos sejam em geral utilizados para se referir a encontros religiosos de rotina em grande parte das igrejas pentecostais e neopentecostais, na Igreja Universal se utiliza reuniões (em vez de cultos) organizadas por temas.

Participamos de diversas atividades da igreja como reuniões temáticas (prosperidade, cura, libertação, milagres), grandes encontros e concentrações em lugares públicos (abertos), palestras, shows (de ritmo gospel a exemplo de Lázaro, Mara Maravilha) como na Praça São Salvador no Centro de Campos dos Goytacazes, acompanhamos o famoso “Dia D” (Dia da Decisão) onde praças, praias, campos de futebol (como do Godofredo Cruz do Americano Futebol Clube) ficaram lotados de integrantes da igreja em todos os Estados do Brasil.

Fomos a um encontro patrocinado pela Rede Record de Campos dos Goytacazes e pela entidade social ou Instituto Ressoar (ex-ABC: Associação Beneficente Cristã) ligado à igreja que desenvolve projetos beneficentes onde identificamos a presença de lideranças da igreja, do grupo jovem em grande medida uniformizados, de políticos da cidade.

Fizemos coleta de material como objetos e “apetrechos” da igreja utilizados nas reuniões, jornais de grande circulação (“O Globo”, “O Dia”, “Folha de São Paulo”, “O Estado de São Paulo”, jornais de Campos como um todo) e revistas (“Veja”, “Época”, “Isto É”, “Somos”) apenas no sentido ilustrativo no geral a fim de acompanhar o que tem sido dito (publicado e difundido) sobre a Igreja Universal e por outro lado acompanhamos os exemplares produzidos pela própria igreja com destaque para o jornal semanal “Folha Universal”<sup>4</sup>.

Os exemplares do jornal são entregues pelos evangelizadores<sup>5</sup> (como objeto de proselitismo) da igreja nas portas dos lugares de culto, dos templos ou nas ruas, praças, casas – o grupo jovem recebe exemplares específicos conforme a idade como “Força Jovem”, “Tã ligado” e “Folhinha IURD”. A partir da revista “Plenitude” (publicada todo mês pela Igreja Universal no Brasil e em Portugal e que aborda temas diversos como cotidiano, economia, lazer, moda, esporte) lançada em 1979, dos portais da IURD como o “Arca Universal”, do endereço eletrônico da igreja no ar ([www.iurd.org.br](http://www.iurd.org.br)), dos folhetos, dos livros (todos da Editora Gráfica Universal) de autores como Edir Macedo e Jane Crivella e outros

---

<sup>4</sup> Criado em 1992, segundo endereço eletrônico da igreja e de grande tiragem em escala nacional.

<sup>5</sup> Entende-se por evangelizadores os membros da Igreja Universal que transitam pelas ruas e nas portas dos templos a “pregar a palavra” (o Evangelho) e entregar jornais (como a Folha Universal), convites de atividades da igreja, como campanhas temáticas com foco na cura espiritual e prosperidade econômica ou reuniões.

com enfoque na prosperidade, no empreendedorismo – tema que ocupa um lugar de destaque nos discursos e gramáticas da igreja, como podemos identificar.

Acompanhamos um conjunto de programas de rádio (pelo menos 2 vezes por semana, intercalados, em um ano de pesquisa) e de TV da Igreja Universal (os “cultos eletrônicos”) que tem sido de certo modo (fortes) ferramentas evangelizadoras, fontes de sentido (de modo que tem alcance popular, capilar, embora as reuniões desmembradas em correntes sejam uma regra) da igreja na Rede Record, Rede TV, CNT, Gazeta, onde se destacam: “Vencendo a Crise”, com foco na prosperidade, “Santo Culto em Seu Lar”, “Ponto de Luz”, “Fala Que Eu Te Escuto”, “Terapia do Amor”, “SOS Espiritual”, “Desafio da Cruz” e “Nosso Tempo”, sobretudo nas madrugadas.

Contudo, cabe destacar que fora toda atividade empregada na pesquisa de campo que produzimos, mobilizamos, as idas freqüentes a lugares de culto da Igreja Universal foram vigorosas e operosas para desenvolver o presente trabalho.

Embora tenha dirigido a pesquisa a Campos dos Goytacazes como recorte, freqüentamos templos em diferentes lugares do Estado do Rio de Janeiro. Ainda que não tenha o objetivo em termos comparativos, as idas a templos em diferentes lugares me ajudaram a identificar (confirmar) a singularidade com a Igreja Universal de Campos dos Goytacazes em termos da dinâmica institucional, dos discursos, dos ritos.

Cabe destacar que estivemos em Niterói (Grande Rio), Macaé (Norte Fluminense), Itaguaí (Baixada Fluminense), Mangaratiba (Costa Verde) e na cidade do Rio: unidade de Botafogo, Lapa, Avenida Brasil, Campo Grande perto do West Shopping e no Centro da Fé, sede da igreja, que fica em Del Castilho, Avenida Suburbana, perto do Norte Shopping<sup>6</sup>.

No entanto, embora tenhamos tomado elementos das atividades de diferentes lugares de culto a fim de localizarmos singularidades (e buscarmos pistas, pegadas sobre as interfaces da Igreja Universal com a ordem social) com

---

<sup>6</sup> Nota-se que grande parte dos lugares de culto se localizam em geral perto de centros de consumo como shopping's (“templos do consumo”) como observamos nos trabalhos de campo e nas leituras de outros pesquisadores que identificaram sinal semelhante como Mariano (2005) e Almeida (2009).

os templos de Campos dos Goytacazes, o trabalho se ocupa de certa forma em tomar a Igreja Universal na cidade acima como recorte (enfoque) a partir de um estudo de caso erigido e aplicado na Catedral da Fé da cidade (Catedral sede) e em outra unidade que fica na Avenida Alberto Lamego, bairro Parque Califórnia, nas proximidades com um conjunto de favelas onde geramos entrevistas e, sobretudo observamos o cotidiano dos membros, a dinâmica das atividades entre reuniões, palestras com bispos e pastores, encontros organizados conforme temas dos mais diversos na igreja e em espaços públicos, testemunhos, programas de rádio, TV, etc.

Em Campos dos Goytacazes, a saber, identificamos (e listamos) pelo menos 38 templos ou lugares de culto de parte a parte<sup>7</sup>, em grande medida instalados nas principais avenidas que cortam os bairros da cidade de certa forma “urbanizados” como a Beira Rio, a BR 101 Norte, a 28 de Março, a Alberto Lamego – do centro e da periferia. Trata-se de um componente comum no que se refere à Igreja Universal como veremos – os locais onde se edificam os lugares de culto.

Cabe registrar que o grande e sofisticado templo sede da Igreja Universal da Beira Rio, que emerge em 2005 (como registramos) na Avenida Rui Barbosa, Centro – conhecido como Catedral da Fé – fica nas proximidades da tradicional e antiga Catedral de São Salvador, local de grande fluxo urbano: terminal de ônibus, pontos de táxis, departamentos administrativos, centro comercial da cidade com diversas lojas, bancos, de consumo como shopping’s, mercado popular. Na praça que carrega o nome da Catedral (São Salvador) a Igreja Universal tem o costume de patrocinar grandes encontros e atividades abertas (denominacional e interdenominacional), o que nos faz perceber como o espaço urbano conforma e têm sido conformado de certo modo por um conjunto de iniciativas religiosas (em

---

<sup>7</sup> Listamos 38 lugares de culto da Universal em Campos com base nos registros da igreja tirados do endereço eletrônico (no ar) e confirmados nos arquivos armazenados na Catedral sede por pastores.

ruas, praças) e como tem tido um papel vigoroso e de destaque pela Igreja Universal – uma igreja da cidade e para a cidade, se podemos dizer<sup>8</sup>.

Pode-se dizer que a presença freqüente nas reuniões (fomos a todos os dias e em diversas horas, mas, sobretudo, nas das 19 horas de quarta-feira e sexta-feira e nas de 9 horas de domingo, que se justifica porque são as correntes temáticas mais freqüentadas e procuradas – as igrejas lotam), permitiram melhor inteligibilidade no que se refere a Igreja Universal, a partir da observação direta e participante.

Almeida (2009), em etnografia (agora livro) sobre a Igreja Universal em São Paulo, diz que a presença nas reuniões foram melhores empregadas na pesquisa e fecundas – em termos descritivos e analíticos – do que de certo modo as entrevistas com integrantes da igreja e pastores em geral.

As entrevistas dirigidas e aplicadas, segundo Almeida (2009), tiveram uma utilidade talvez limitada (embora de grande utilidade) de modo que as respostas quanto à escolha pela Igreja Universal tinham sempre um enredo comum ou estrutura de discurso padronizada: “vida desafortunada, sem sentido antes e bem melhor com a Igreja Universal agora”. Talvez um elemento a sofrer ajustes estejam nos tipos de desgraças sofridas.

Percebi um contorno ou componente semelhante nas minhas idas a templos da Igreja Universal, pela dificuldade em gerar entrevistas com os integrantes da igreja em virtude das desconfianças produzidas hoje, sobretudo por pastores, bispos, sempre alertas a uma iminente “guerra” e estados beligerantes. Fomos, inclusive, diversas vezes, constrangidos, interpelados e retrucados por perguntas repletas de desconfianças, medos.

Contudo, pode-se dizer que, embora a Igreja Universal seja como tinha dito um dos informantes da igreja: “apenas um corpo” que obedece a uma ordem e estrutura de cima, do topo do poder (e com sentido, pela forma de pirâmide com

---

<sup>8</sup> Segundo Almeida (2009), a Igreja Universal, por sua vez, apresenta um padrão territorial semelhante ao do catolicismo, na medida em que distribui de forma planejada seus templos pelas centralidades urbanas. Embora o número de templos da Assembléia de Deus, por exemplo, seja superior ao da Igreja Universal, esta ocupa com maior destaque a paisagem urbana das grandes cidades brasileiras. É comum encontrarmos as catedrais em grandes avenidas e próximo a terminais de transporte público. Há, portanto, uma estratégia intencional de visibilidade.

que se organiza), percebemos, nas freqüentes idas a campo, 2 unidades da Igreja Universal em Campos dos Goytacazes bem diversas em certos sentidos, a começar pelo tamanho e lugar de culto – em termos das dinâmicas, das rotinas, das localidades.

Em uma, a saber, a sede que fica na Beira Rio, Centro de Campos dos Goytacazes, um imponente templo, em idas a certas atividades, sobretudo a reuniões temáticas, não fomos notados o tempo todo, abordados, ou seja, sentimos um certo anonimato, liberdade para participar e transitar.

Por outro lado na outra unidade da Avenida Alberto Lamego, perto de um conjunto de favelas da cidade, onde demos largada a pesquisa pela facilidade de chegar, percebemos um certo controle social onde nos cultos (reuniões) fomos sempre observados e abordados pelos obreiros e pelo pastor – inclusive recebemos convites para participar do grupo jovem (“Força Jovem”) do templo e de outras atividades como encontros da igreja. Ouvimos escapar do pastor algumas vezes um grito para os obreiros: “olho no casal (eu e Gabriela) ou olho no rapaz”. Resolvemos em primeiro lugar não nos identificar para não contaminar a pesquisa ou constranger-nos. Mas em outro encontro, como das entrevistas, nos identificamos e apresentamos os objetivos da pesquisa.

Percebemos de certo modo uma igreja com fortes vínculos de comunidade, vizinhança de modo que grande parte dos membros habitam endereços do entorno, em geral das favelas localizadas nas proximidades do templo.

Na Catedral sede da Beira Rio pode-se observar outras dinâmicas (apesar de parâmetro semelhante em termos das atividades produzidas, dos ritos), talvez pelo tamanho e local – fica bem no Centro de Campos dos Goytacazes (como alertamos), perto de um terminal de ônibus de uma Avenida com grandes fluxos e trata-se de uma localidade mais comercial (centro administrativo e de consumo) do que residencial e perto da Catedral se percebe a presença de templos de outras vertentes e cultos religiosos: a própria Catedral de São Salvador (unidade do catolicismo na cidade), a Igreja Internacional da Graça de Deus, que por sinal fez em 2010 um grande encontro com a presença de R. R. Soares (liderança suprema da igreja de natureza neopentecostal e cunhado de Edir Macedo), o que

abre e confirma uma perspectiva concorrente – ergueram um imponente templo, perto da Igreja Universal – e na corrida eleitoral (de 2010) para o senado, por exemplo, não pediram votos para o Marcelo Crivella (ex-bispo da IURD), mas para o Lindberg Farias do PT (Partido dos Trabalhadores) – ligado a Igreja Batista. Embora ambos tenham se eleito.

O trabalho de campo, por outro lado, não deixa de registrar, destacar e investigar, em certa medida, uma outra “arena” ocupada pela Igreja Universal que se soma a todas que enfatizamos: a atividade política que corresponde em geral à disputa eleitoral (institucional) sem “culpa moral”, a um projeto de poder agora com partido próprio, o PRB (Partido Republicano Brasileiro), gerado por figuras públicas da igreja em 2005 como o bispo e senador Marcelo Crivella (e pelo vice-presidente da república José Alencar, embora não faça parte da IURD), com o esforço dos membros da Igreja Universal em todo o Brasil que se empenharam a fim de recolher assinaturas para obter o registro legal, formal exigido pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Com os integrantes da igreja mobilizados nas portas dos templos e nas ruas, o registro acaba obtido em apenas 5 meses com assinaturas recolhidas em todos os Estados do Brasil, tarefa que o PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) que abriga lideranças com apelos populares e de lastro social como a ex-senadora Heloísa Helena, por exemplo, se esforça para obter em 1 ano<sup>9</sup>.

Para entendermos as interfaces da Igreja Universal na política em geral (e local), acompanhamos as atividades de um parlamentar e presidente do PRB em Campos dos Goytacazes (bispo afastado em virtude dos respectivos mandatos de deputado e de vereador) onde geramos longas entrevistas registradas no gabinete do político ligado a igreja (admite ser integrante da Igreja Universal), com o objetivo de identificar de certo modo os alinhamentos ou entrecruzamentos entre as agendas religiosas difundidas pela IURD e legislativas, políticas defendidas

---

<sup>9</sup> Grande parte dos partidos brasileiros surgidos (registrados) a partir de 1979 pela lei da reforma dos partidos que institui o multipartidarismo e abole o bipartidarismo (modelo da ditadura militar) não cumpriram os requisitos estabelecidos de obter o registro legal a partir de assinaturas recolhidas nos Estados. Apenas o PSOL e agora o PRB cumpriram a regra estabelecida.

pelo parlamentar, como porta voz, ou seja, os intercâmbios da igreja com a política.

Cabe registrar que enfrentamos dificuldades para chegarmos a falar com o parlamentar: seja pelo templo da Igreja Universal como canal ou pela Câmara Municipal por outro lado. Pegamos os contatos (telefone e email) em blog que cultiva no ar e ligamos algumas vezes para o gabinete do político sem respostas. Deixamos recados, escrevemos email's frequentes a fim de marcar encontros com o objetivo de gerar entrevistas para a pesquisa, onde nos apresentamos como pesquisadores (com documentos timbrados de origem da universidade) e enfim conseguimos certa vez sermos atendidos pelos assessores que toparam transmitir o recado para o político e nos receber no gabinete. Apesar das desconfianças fizemos as entrevistas que duraram longas horas.

Trata-se de um bispo (afastado, mas que permanece a freqüentar os cultos (reuniões) e grandes atividades da Igreja Universal – o vi diversas vezes na Catedral sede, inclusive no púlpito a comandar o rebanho, acompanhado de outro bispo) orgânico na política e no PRB e com trânsito na vida pública de Campos dos Goytacazes e do Estado do Rio de Janeiro de modo que teve mandato de deputado federal entre 2003 e 2007 pelo PMDB. Presidente do PRB de Campos dos Goytacazes e vice-presidente do PRB no Estado do Rio de Janeiro.

Fomos a diversas atividades com a presença do “bispo-político”, seja na Câmara Municipal, em encontros de campanha tidos no Comitê do PRB ou da igreja nos templos e em locais abertos. Cabe destacar que o Comitê de campanha aberto na corrida de 2010, bem como a sede do PRB na cidade se localizam nas proximidades da Catedral sede da IURD no Centro de Campos dos Goytacazes.

Por outro lado acompanhamos, apenas para ilustrar, os encontros locais e estaduais do partido, de mulheres, o grupo jovem que se dedica a formar lideranças (PRB jovem), as atividades com o senador Marcelo Crivella que mobiliza todo o partido e toda a igreja, lemos o programa e estatuto do partido, as diretrizes, discursos, o endereço eletrônico PRB 10 no ar – acompanhamos e depositamos grandes expectativas sobre a propaganda eleitoral para 2010, onde o parlamentar (pesquisado) foi candidato a deputado estadual (e obteve 5.248

votos) e Crivella em luta acirrada contra Jorge Picciani do PMDB teve garantido um lugar no senado em segundo – com 3.332.621 votos.

Levantamos a representatividade do partido no Estado do Rio de Janeiro composto por 1 senador, 2 deputados federais (acabaram de eleger um deputado para a Câmara), 1 deputado estadual (elegeram 2 para a ALERJ) 1 prefeito e 38 vereadores em diversas cidades do Estado como Campos dos Goytacazes, Macaé, Quissamã, Conceição de Macabu, Carapebus, todos no Norte Fluminense, grande parte de bispos e pastores da IURD. Bem significativo para um partido “jovem” com apenas 5 anos na cena e arena política – e que se apresenta para a segunda disputa eleitoral, primeira no panorama federal.

Descobrimos, por exemplo, nos registros do partido no site, que o presidente nacional do PRB (natural do Estado do Rio de Janeiro) foi, inclusive, diretor da Rede Record de TV, pastor e bispo da IURD – acaba de se eleger deputado federal pelo Rio de Janeiro na corrida de 2010 (com 157.528 votos) e teve como cabos eleitorais conhecidos bispos da igreja como Edir Macedo que fez um programa dedicado a pedir votos para o respectivo candidato.

Contudo, apesar de estudar a Igreja Universal como objeto a começar de 2006, ou seja, 5 longos anos, intensificamos as pesquisas em certa medida a partir de 2009 onde aceleramos os trabalhos a fim de cumprir os prazos e em certo sentido “alertas” a dinâmica dos acontecimentos que detalhamos e decidimos o foco – frustra-me não ter tido tempo de utilizar os resultados do Censo em curso com desdobramentos apenas em 2011 do IBGE. Mas podemos em outra oportunidade atualizar o presente trabalho e contemplar o que pretendemos pesquisar a luz dos dados do Censo.

## Introdução:

A Igreja Universal do Reino de Deus tem sido em geral concebida, lograda como culto do ramo neopentecostal, modelo erigido no Brasil e que segundo Freston (1993), trata-se da terceira onda que emerge do pentecostalismo<sup>10</sup>, fenômeno trazido para o Brasil dos Estados Unidos em 1910<sup>11</sup>.

Parte-se da Igreja Universal como janela para entender (e interpretar) os recentes desdobramentos, deslocamentos e compartilhamentos enfrentados pelo campo religioso brasileiro, sobretudo a partir dos anos de 1970, a saber, pela origem da IURD como um dos ramos que integram os “Novos Movimentos Religiosos” (NMRs) e introduzem modos “religiosos” bem singulares.

Segundo Mariano (2005), os cultos neopentecostais que emergem no fim dos anos 70 (tempos de crises estruturais, econômicas que se radicalizam) se estabeleceram como a vertente do grupo pentecostal que de certo modo escaparam do sectarismo radical, da rigidez, agonismo, apolitismo, romperam com o ascetismo contracultural, relaxaram ou abrandaram costumes e comportamentos, aboliram marcas tradicionais estigmatizadoras, legalistas, promoveram inusitadas formas, ritos e se acomodaram a recente dinâmica e ordem social sem culpa moral. Esticaram a corda e subverteram dogmas ortodoxos.

---

<sup>10</sup> Os grupos pentecostais têm origem, conforme Rolim (1985), com primeiras experiências de cultos produzidas em face de uma velha igreja de natureza metodista de Azusa Street Los Angeles, Estados Unidos, em 1906. O termo pentecostalismo foi em certa medida concebido como marca para identificar e definir o respectivo segmento religioso de natureza protestante originado nos Estados Unidos no começo do século XX.

<sup>11</sup> Freston formula uma proposta capaz de dividir os cultos pentecostais em “ondas”, tipologias. Segundo o autor, a primeira onda denominada de “clássica” remete a 1910-1950, se difunde do Norte brasileiro a partir da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911) criadas por missionários e que se destaca pelo agonismo e sectarismo radical. A segunda “onda-tipo” ou “deuteropentecostalismo” decorre do Estado de São Paulo nos anos 50 e se difunde com a Cruzada Nacional de Evangelização de onde são gerados novos cultos pentecostais como a Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor com ênfase no dom da cura espiritual em geral. Da segunda onda foi gerado o Novo Movimento Pentecostal, germe do “Neopentecostalismo” de onde emerge a Igreja Universal do Reino de Deus que tem como pólo difusor o Rio de Janeiro do fim dos anos 70. Trata-se de um culto dinâmico, de acordo (em termos) com a ordem social e cultural erigida e estabelecida. Se desloca do agonismo, sectarismo, legalismo e incorpora o pragmatismo, imediatismo e emprego da Teologia da Prosperidade que enseja a recompensa e fortuna aqui e agora.

Busca-se entender e marcar os novos rumos tomados e trilhados pelo campo religioso brasileiro que implica na pluralidade, deslocamentos e mobilidades em ritmos velozes, com base na Igreja Universal como objeto, agente e produto do respectivo paradigma que se abre, articulado a uma recente dinâmica urbana edificada no Brasil, erigida na (e pela) ordem social capitalista, se podemos dizer.

Trata-se de entender em geral como a Igreja Universal tem se inserido na ordem social, política, cultural, ocupado diversas frentes, em grande medida, como diz Giumbelli (2002), esferas “não-religiosas”, (escapado do agonismo, ascetismo, legalismo, apolitismo, sectarismo em termos), se comportado em face das arenas concorrentes e competitivas e se empenhado a fim de (“decifrar enigmas”) fornecer respostas, significados para os “riscos” e problemas objetivos correntes (urgentes) e presentes de toda natureza que regem de certo modo no cotidiano e na vida dos que solicitam os serviços da igreja: prosperidade econômica, problemas de ordem afetiva, cura para enfermidades, milagres.

Embora ocupemo-nos, em certa medida, em fazer um debate, a saber, abrangente a fim de localizar as bases do fenômeno (introduzir), no que se refere a interpretar as mudanças operadas pelo campo religioso brasileiro com base na Igreja Universal em geral, o presente trabalho procura delimitar o espectro de possibilidades e se dirige a estudar um caso em particular: a Igreja Universal na cidade de Campos dos Goytacazes, Norte do Estado do Rio de Janeiro.

Veremos no decorrer do trabalho, como a Igreja Universal tem legitimado e reforçado a ideologia do desempenho, do bem estar, da prosperidade, produtividade, competitividade, do consumo, do trabalho como caminho para a mobilidade, dos “prazeres seculares” estimulados pelo capitalismo não apenas como modelo ou sistema econômico, mas como estilo de vida que desperta atitudes, conforme Max Weber – as zonas de afinidades com a ordem capitalista. Como tem se adaptado, se conformado (e conformado por outro lado), estimulado a ordem, se entrosado e se interpenetrado a culturas populares e gerenciado um “ethos” ou conduta de vida capaz de regular e influenciar os que aderem a fazerem escolhas.

Iremos perceber como os serviços fornecidos e prestados pela Igreja Universal em conformidade com os problemas da vida como cura de enfermidades, prosperidade, terapias do amor – os “prontos-socorros espirituais” como adverte Mariano (2005) – têm sido “eficazes” em face de uma dinâmica social e modo de vida onde figura o individualismo e se difunde o pragmatismo, imediatismo, empreendedorismo, desempenho e desenvoltura em se adaptar sem se conformar para não fracassar – e escapar do suposto “mal” que viceja.

Como o tema dos imperativos da felicidade, performance, perfectibilidade, bem estar, auto-estima, conforto, consumo, ou seja, uma rede de significados como diz Geertz (1973), subjetividades, aparecem na dinâmica da Igreja Universal, tomada da vida social objetiva, secular – da engrenagem capitalista como espelho.

Como interfaces se cruzam e combinam subjetivo com objetivo, perdedor e vencedor, azar e sorte, Deus e Diabo, ambigüidades que se fazem presentes no discurso da igreja de forma sutil e poderosa. A reprodutibilidade de valores morais, econômicos, políticos, afetivos. Enfim, o “aditivo” da felicidade que em certa medida “otimiza” a produtividade, trabalho, individualidade, “suaviza” os problemas da vida enfrentados pelos freqüentadores “desacreditados”.

Vamos analisar de certo modo a grande habilidade que tem tido a Igreja Universal de articular respostas “encantadas” e racionalizadas (sempre urgentes, da hora) a partir de uma ordem objetiva “secularizada”, forjada em face dos imperativos e estatutos modernos. Ou seja, o desempenho eficaz dos rituais que combatem “feitiços”, “olho gordo”, “macumba”, “trabalhos na encruzilhada”, na mata, “encostos”, com uso freqüente do que Mariz (1995) denomina de “sincretismo bélico” (do espelho e anti-espelho), toma como parâmetro resultados e performances que se entrecruzam (engolfados) entre sagrado e profano.

No primeiro capítulo do trabalho, teremos uma abordagem em certo sentido abrangente em termos do recente campo religioso brasileiro forjado e organizado em tipologias e protagonizado pelos cultos pentecostais e neopentecostais onde nos ocupamos da Igreja Universal como norte. Cabe destacar que são cem anos

completados em 2010 da presença dos grupos pentecostais no Brasil – 33 apenas da IURD que tem origem no fim dos anos 70.

No segundo o trabalho volta-se a Campos dos Goytacazes onde joga luz sobre um conjunto de debates sobre os dilemas (paradoxos) do projeto urbano na cidade que em virtude das novas atividades, serviços e dos empreendimentos econômicos implantados, acelera o “desenvolvimento” de forma veloz e radical que em certa medida traz reflexos diretos para a estrutura social e urbana da cidade, para a vida dos campistas.

Concebe os fatores e atores que concorreram e precipitaram o fenômeno e incorpora a abordagem sobre o projeto da Igreja Universal que ocupa o espaço urbano da cidade (embora em menor grau), não como forma de generalizar, mas de partir de algum lugar (de modo que temos um campo amplo, sobretudo no que tange a um conhecimento do perfil dos membros de igrejas pentecostais e neopentecostais na cidade), onde busca-se colocar em foco os resultados do trabalho de campo acumulado e da pesquisa com base no respectivo segmento religioso: a Igreja Universal .

No terceiro concebemos a assistência religiosa prestada pela IURD e as reuniões. No quarto nos ocupamos das interfaces da Igreja Universal na política, ou seja, a IURD como um personagem político-religioso.

Por fim o trabalho joga luz sobre o projeto difusor da igreja no espaço urbano onde tem se inserido e conformado, dos aparatos e equipamentos edificadas e mobilizados, dos modos adotados, incorporados, atualizados e acomodados, das atitudes em conformidade, afinidade e sincronia com a ordem social, política e cultural vigente. Faremos uma abordagem sobre a Igreja Universal em geral em termos da origem, dinâmica organizacional e institucional, do papel desempenhado pela IURD nos centros urbanos, nas cidades, da igreja em Campos. Em seguida nos ocuparemos de articular e problematizar nomes como Berger, Hervieu-Léger, Geertz e Weber sobre o fenômeno religioso a fim de localizar em certa medida a IURD no debate a luz do que se mobiliza, sem abusar de causalidades e generalidades.

## **1) A Igreja Universal do Reino de Deus: “Projeto” difusor e global – Origem, deslocamentos e desdobramentos na ordem social**

A Igreja Universal do Reino de Deus emerge no panorama recente como um fenômeno cultural, religioso, que combina singularidades e particularidades, sobretudo no que se refere a um sincretismo e plasticidade que utiliza para se adaptar a ordem estabelecida e se afirmar como uma alternativa, modalidade capaz de gerir os problemas (conflitos) do cotidiano com o discurso moral que tem aplicado.

No Brasil a Igreja Universal desperta a “estranheza”, em particular a partir dos anos 1980, de dezenas de pesquisadores que tomam a igreja como objeto de estudos e geram centenas de trabalhos acadêmicos na perspectiva dos Novos Movimentos Religiosos (NMRs) ou sobre o lugar dos neopentecostais da vida social como um todo.

Em idos anos a IURD se afirma como culto popularizado onde revistas acadêmicas e livros como: “A Igreja Universal do Reino de Deus – Os Conquistadores da Fé”, organizado por Oro (2003), “Neopentecostais – Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil” de Mariano (2005) e “A Igreja Universal e seus Demônios” de Almeida (2009), registram o papel de destaque que tem tido o respectivo modelo e fenômeno no campo religioso brasileiro.

As primeiras portas da Igreja Universal abriram pela primeira vez no dia nove de julho de 1977 na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro (bairro de Del Castilho), conduzida pelo jovem Edir Bezerra Macedo<sup>12</sup> – que rompe com a Igreja Nova Vida de matriz pentecostal, de onde se origina em certa medida a IURD,

---

<sup>12</sup> O fundador da Igreja Universal trata-se de uma das figuras mais polêmicas do universo religioso: o Bispo Edir Bezerra Macedo – um ex-office boy, trabalhador da Loteria do Estado do Rio de Janeiro (LOTTERJ), sujeito que de certo modo carrega singularidades na vida religiosa. Vai parar na Igreja Nova Vida (germe da IURD) em 1963, de modo que antes de se converter, Macedo tinha freqüentado os corredores da Igreja Católica (onde faz 1ª Comunhão) e os terreiros de Umbanda. Em 74 desliga-se da Igreja Nova Vida e organiza (com outras lideranças) a Igreja Cruzada do Caminho Eterno, mais conhecida como “Salão da Fé”, da qual se torna o coordenador de finanças pelas experiências com o ramo – chega a fazer curso Matemática pela UFF. Em 1977, funda a IURD com Carlos Rodrigues e R.R. Soares que tem a primeira sede erigida em um galpão que antes era utilizado como funerária. Nos anos 80 (pilar do crescimento da IURD) a Igreja Universal se torna uma referência global e compra em 89 a Rede Record (MARIANO,2005).

segundo Mariano (2005) (embora tenha freqüentado cultos afro-brasileiros como a Umbanda) – bispo à frente da grande “obra” edificada e erigida no Brasil e fora do Brasil, liderança que acumula nos idos anos o controle e comando da ampla “rede” IURD, igreja que protagoniza ardentes disputas e deslocamentos no campo religioso brasileiro, personagem polêmico nas frentes que ocupa em recente fase.

A Igreja Universal não pára de abrir templos (pela facilidade que tem tido), espalhar pastores com “perfil empreendedor” por todos os lugares para difundir o projeto “religioso” e “não-religioso” como preconiza Giumbelli (2003). Os arranjos operados, os discursos adotados, as costuras, a IURD em esferas religiosas e não-religiosas, investidas de “atributos religiosos”, conferem, segundo Giumbelli (2003), o grande “jogo” da igreja, identidade e habilidade (plasticidade) para ocupar diferentes frentes na ordem social como um todo. Equilibra-se nos investimentos despendidos de modo a justificar a atitude religiosa singular.

Mobiliza as energias em nome de um projeto que supera de certo modo os cultos religiosos, ou seja, redefine as fronteiras, os limites e estatutos religiosos, segundo Giumbelli (2003).

Os primeiros cultos foram produzidos (antes de ser comprado o local onde hoje fica a catedral sede na Zona Norte do Rio de Janeiro – o famoso Centro da Fé ou Templo Maior e da Glória de Israel) em um coreto de uma praça do referido bairro e cidade.

Como diz no endereço eletrônico da igreja: “do coreto para as catedrais”, frase que notabiliza de certo modo a emergência dos templos (da “era das catedrais”) e da proposta (projeto) “universal”, global – da universalidade do Reino de Deus como preconiza Almeida (1996) ou dos conquistadores da fé como diz Oro (2003) – cada vez mais enraizada e entranhada (e em permanente sincronia com a ordem e vida social), sobretudo nos grandes centros urbanos do Brasil e do exterior (em larga medida nos continentes americano e africano, em Portugal) onde se afirma.

As reuniões da Igreja Universal, como identificamos em freqüentes idas a campo<sup>13</sup>, acontecem pelo menos em todos os turnos e obedecem a uma dinâmica uniforme e centralizada, conforme uma agenda semanal organizada em face de correntes, campanhas, temas e atividades – dirigidas a todas as idades – e “problemas” que regem de certa forma no cotidiano dos que solicitam os serviços religiosos oferecidos pela IURD.

A igreja por sua vez conserva os templos abertos em todos os turnos a fim de receber membros e não-membros, sempre atendidos pelos bispos, pastores e obreiros uniformizados, prontos a evangelizar, prestar “socorro” e “decifrar enigmas latentes”, dramas urgentes, capazes de ativar o “mal” que não escapa com facilidade. Talvez com o “descarrego total” que acontece toda sexta-feira em todas as unidades – ou “franquias”?

A Igreja Universal se difunde e se propaga em face do apelo “pare de sofrer”, popularizado nas fachadas e entradas dos templos espalhados pelos bairros e cidades do grande centro metropolitano e do interior do Estado do Rio de Janeiro (onde delimitamos o enfoque a partir de Campos dos Goytacazes), sempre edificadas em ruas e avenidas com grandes fluxos urbanos.

Pode-se dizer que antes dos anos 80 eram incipientes – para não dizer nulas no panorama das Ciências Sociais – as pesquisas dirigidas sobre o respectivo fenômeno religioso no Brasil: a Igreja Universal do Reino de Deus. Apenas a partir dos anos 80, segundo Mariano (2005), os grupos pentecostais e neopentecostais, entre eles a Igreja Universal, se notabilizam em parte porque se inserem em certas atividades antes julgadas de “pecaminosas”, “contaminadoras” (deste mundo, seara do diabo) como a disputa eleitoral (atividade política) onde elege parlamentares ou nas telas de redes de TV (como na Rede Record, na BAND e CNT) onde são criados programas religiosos (“espetacularizados”) dirigidos por bispos e pastores.

Funda-se o “televangelismo” dos pregadores eletrônicos, elege-se pastores e bispos parlamentares e explodem escândalos (financeiros, policiais, políticos)

---

<sup>13</sup> Vali-me de idas a campo em diferentes lugares de culto da IURD, com base em estudo de caso aplicado em 2 unidades da igreja na cidade de Campos dos Goytacazes.

cujos epicentros são em grande medida lideranças à frente de igrejas pentecostais e neopentecostais, entre outras a Igreja Universal.

Claro que os escândalos preconizados não são exclusivos de igrejas como a Igreja Universal, por exemplo, que em certa medida se apodera dos discursos orquestrados pela grande imprensa (como a rede Globo, a revista Veja, outras igrejas), se esquiva dos ataques desferidos (destilados) pelos grupos concorrentes (se diz perseguida) e os redefinem como “obra do diabo”, do mal jogado, que obstaculizam o projeto de Deus na vida secular<sup>14</sup>.

Contudo, produzem-se pesquisas sobre o recente fenômeno que ganha corpo, capilaridade, enfoque, destaque e alcance nos grandes centros urbanos do Brasil (sobretudo entre os anos 80 e 90) onde recebem grande apelo popular e resposta de certo modo em virtude da proposta “sedutora” (urgente) de escapar dos fracassos, dos “riscos” gerados pelo “diabo” do dia-a-dia e alcançar sucesso, vida abundante e prosperidade aqui e agora, ou seja, neste mundo. Como diz Mesquita (2003), um pé no reino e outro no mundo.

Podemos dizer que a Igreja Universal abarca e engendra os mais diversos agrupamentos ou estratos sociais – em certa medida dos ramos empresariais/comerciais, pequeno-burguês.

No entanto, apesar do lastro com que atinge os estratos sociais em geral, a Igreja Universal tem tido mais apelo em grande medida nas camadas pauperizadas, empobrecidas (sobretudo de classe média baixa), de menores rendas e menos escolarizadas, onde recruta e incorpora em larga medida grande parte dos congregados e freqüentadores, com destaque para mulheres, pardos e negros, segundo o censo do IBGE, ano 2000.

Vejam os dados do Censo do IBGE ano 2000 para o Estado do Rio de Janeiro:

---

<sup>14</sup> Tivemos recentes escândalos (apenas para marcar) de pedofilia cometidos por padres que tem repercutido com grande relevo e volume de modo a forçar um apelo do papa no Vaticano sobre o polêmico tema, fato que tem arranhado a imagem e moralidade da igreja e de polêmicas difundidas em torno de temas como aborto e casamento gay – e que tem tido tratamentos bem diferentes pelas redes de TV e jornais como um todo – e não tem sido diferente na política.

| IURD por sexo no Rio de Janeiro |                              |
|---------------------------------|------------------------------|
| Feminino                        | 193.636 mil ou 67,1%         |
| Masculino                       | 94.753 mil ou 32,9% do total |
| Total                           | 288.389 mil                  |

Fonte: IBGE-2000

| IURD por cor/raça no Rio de Janeiro |                               |
|-------------------------------------|-------------------------------|
| Branca                              | 117.232 mil ou 40,7% do total |
| Preta                               | 47.774 mil ou 16,6% do total  |
| Amarela                             | 473 ou 0,2% do total          |
| Parda                               | 119.558 mil ou 41,5% do total |
| Indígena                            | 978 ou 0,3% do total          |
| S/Declaração                        | 2.374 ou 0,8%                 |
| Total                               | 288.384 mil                   |

Fonte: IBGE-2000

| IURD/ renda no Rio de Janeiro |                               |
|-------------------------------|-------------------------------|
| Sem renda                     | 104.675 mil ou 36,3% do total |
| Até 1 SM                      | 30.202 mil ou 10,5% do total  |
| De 1 a 2 SM                   | 54.633 mil ou 18,9% do total  |
| De 2 a 5 SM                   | 55.345 mil ou 19,2% do total  |
| De 5 a 10 SM                  | 18.730 mil ou 6,5% do total   |
| Mais de 10 SM                 | 24.804 mil ou 8,6% do total   |
| Total                         | 288.389 mil                   |

Fonte: IBGE-2000

| IURD/escolaridade no Rio de Janeiro |                      |
|-------------------------------------|----------------------|
| Analfabeto                          | 73.344 mil ou 25,4%  |
| Primário completo                   | 106.812 mil ou 37,0% |
| 1º Grau completo                    | 61.003 mil ou 21,2%  |
| 2º Grau completo                    | 40.604 mil ou 14,1%  |
| Superior ou mais                    | 4.942 mil ou 1,7%    |
| Ignorado                            | 1.684 mil ou 0,6%    |
| Total                               | 288.389 mil          |

Fonte: IBGE-2000

Grande parte dos grupos religiosos hoje identificados nas cidades brasileiras, nos espaços urbanos, emergem do chamado pentecostalismo de primeira onda (FREESTON,1993; MARIANO,2005). Outras são herdeiras dos anos de 1960 e 1970 (o que se denomina de deuteropentecostalismo), fase marcada pelo fenômeno urbano-industrial nas cidades.

Ademais, ainda na fase ou conjuntura preconizada, observa-se o fenômeno do pluralismo religioso, que tem como vetor o pentecostalismo. Com a “Cruzada Nacional de Evangelização” dirigida pelos cultos pentecostais implantados no Brasil, a saber, em 1910 (transferidos dos Estados Unidos), emergem novas igrejas como do Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor, todas caracterizadas pelos preceitos da cura e dom espiritual e que conforme Mariano (2005) se refere a segunda onda pentecostal que porventura origina o chamado “Novo Movimento Pentecostal”, germe do que se denomina de neopentecostalismo, que tem como um dos cultos a Igreja Universal do Reino de Deus. A terceira onda emerge no fim dos anos de 1970 e se notabiliza nos anos de 1980 de modo a gerar deslocamentos e compartilhamentos no campo religioso.

Contudo, o fenômeno do pluralismo religioso implica em produto ou objeto recente no panorama brasileiro, de modo que antes de emergir a febre pentecostal no campo religioso com um ator e personagem, o catolicismo conforme o Censo do IBGE, em 1940 tinha um rebanho de 95,2%, larga vantagem sobre todos os concorrentes. Com o fenômeno das ondas em curso, culmina o chamado “mercado religioso” (com mais ofertas) que gera de certa forma um pluralismo religioso de modo que se estende o campo a partir de um conjunto de cultos erigidos, edificadas (TEIXEIRA,2006).

Pode-se identificar no campo religioso brasileiro ajustes, sobretudo em determinados estratos, a saber, pauperizados e menos escolarizados e um certo volume dos cultos pentecostais e neopentecostais abertos (que se multiplicam) em localidades pobres, conforme a pesquisa “Novo Nascimento”, organizada por Fernandes (1998). Conforme a pesquisa, “quanto mais pobre o local mais pentecostal”. Os cultos pentecostais e neopentecostais concentram grande porcentagem de pobres com menor grau de escolaridade e congregados que se autodeclararam negros – quanto a negros perdem apenas para os cultos afro-brasileiros se comparados.

Segundo Burdick (1993), para decifrar os conflitos latentes, geralmente presentes a cultos pentecostais (como a outros), capazes de gerar uniformidades e não diferenças na subjetividade (dos crentes), temos que investigar como os

diferentes agrupamentos (estratos) sociais entendem e se apropriam do discurso e da respectiva prática religiosa. São os paradoxos sociais que emergem nas arenas urbanas brasileiras poli-religiosas como preconiza o autor.

A Igreja Universal parece emergir como um “grande grupo”, segundo Birman (2003), talvez em virtude do enfraquecimento e esfacelamento das bases religiosas populares, ancoradas nas CEBs, por exemplo, suporte do projeto hegemônico (catolicismo brasileiro) de corte popular e alcance nos centros urbanos, sobretudo nas periferias.

Outro movimento do catolicismo, a RCC (Renovação Carismática Católica) introduzido no Brasil dos Estados Unidos em 1969, segundo Campos (2008), tem despertado estudos de pesquisadores e concorrido na luta pelo “rebanho” com a Universal e outros ramos do pentecostalismo e neopentecostalismo no campo religioso brasileiro.

Se pensarmos nos 10 anos do resultado do censo de 2000 do IBGE e compararmos com os recentes trabalhos de pesquisas desenvolvidos e publicados, que indicam para um crescimento vertical dos cultos neopentecostais, pode-se desconfiar ou aferir que a Igreja Universal, pela forma veloz como se multiplica (cresce 25% a cada ano apenas nos anos 1990, conforme o Censo, imagina nos anos 2000), pode corresponder a perto de três mil templos centralizados, com uma equipe composta de mais de oito mil pastores, entre outras lideranças que conduzem a obra e difundem o projeto por todas as partes.

O luxo, conforto e riqueza imponente dos templos e lugares de culto iluminados e coloridos que enfeitam e brilham nas ruas e avenidas dos bairros e cidades, geram de certo modo contrastes com as moradias de grande parte de membros e freqüentadores pauperizados e com a paisagem degradada dos centros urbanos – como observamos no campo.

Segundo o Censo do IBGE de 2000, a Igreja Universal tinha em 1990 cerca de 269 mil membros espalhados em todo o Brasil. Em 2000 a estimativa sobe para a casa dos 2,1 milhões de membros/freqüentadores que se declararam alinhados com a IURD.

Mariano (2005) afirma que o Estado do Rio, seguido por São Paulo e Bahia tem sido os lugares onde a IURD tem se expandido com grande destaque e volume – e não chega a surpreender que são Estados em que o catolicismo menos prospera (se enfraquece).

Pela origem recente no campo religioso brasileiro e forma inovadora no que tange a um conjunto de modos incorporados e difundidos, costuma ser classificada como neopentecostal pelos pesquisadores como Mendonça (1992), Mariz (1995), Mariano (1995), Oro (1996), Pierucci & Prandi (1996), Birman (1997), Mesquita (2003), entre outros e em certa medida pela igreja em nome de Edir Macedo, ramo do denominado pentecostalismo de igrejas autônomas, independentes que exploram programas de TV, pregam o dom de curar e operar milagres, prosperidade econômica, libertação de demônios, “encostos”, ocupam lugares de destaque na atividade política onde participam de disputas eleitorais (disputam o poder sem pudor) – e por sinal abriga um partido que obteve o registro legal com o esforço das lideranças e dos membros da Igreja Universal, o PRB (Partido Republicano Brasileiro) do vice-presidente José Alencar (que não faz parte da igreja) e do senador e bispo Crivella – e atingem em grande parte os grupos mais pobres como enfatizamos, embora outros estratos da sociedade sejam representados e contemplados com os serviços da igreja.

O termo neopentecostalismo, conforme Mariano (2005) foi cunhado nos Estados Unidos nos anos 70 para destacar cultos que em certo sentido se ramificaram e se deslocaram de uma matriz e forjaram outros grupos.

Se os cultos neopentecostais emergiram do pentecostalismo de segunda onda (deuteropentecostalismo), como se diz, hoje, percebe-se que os primeiros têm gerado influências nos rumos do segundo grupo ou tipo, que se ajustam (dogmas transgredidos), com reservas, conforme a dinâmica estabelecida como da disputa eleitoral, dos cultos eletrônicos, por exemplo, entre outros modos.

Fora a Igreja Universal, objeto do presente estudo, outras vertentes que sinalizam no sentido dos modos detalhados, com destaque para a Teologia da Prosperidade, para o uso freqüente da TV como recurso de proselitismo, dos cultos efervescentes e “espetacularizados”, se inserem no neopentecostalismo

como: Igreja Apostólica Renascer em Cristo, Igreja Internacional da Graça de Deus, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Igreja Evangélica Cristo Vive, Missão Cristã Pentecostal, Igreja Pentecostal de Nova Vida e Igreja Mundial do Poder de Deus.

Nos cultos (reuniões) e na dinâmica da igreja, percebe-se uma certa “bricolagem” onde são experimentados repertórios litúrgicos tradicionais incorporados e tomados de outros grupos religiosos como dos pentecostais de primeira onda e segunda onda (cura espiritual, ritual das ofertas e pagamento de dízimos, busca do Espírito Santo), mas, sobretudo dos cultos afro-brasileiros como a Umbanda e dos candomblecistas (exorcismos onde entidades são invocadas, conclamadas, operação de milagres), catolicismo popular (apego a objetos e apetrechos que são “ungidos” e “consagrados”, capazes de “curar”, “restabelecer”, entre outras práticas tidas como mágicas, que simbolizam a cura) métodos mais complexos que projeta a Igreja Universal no campo dos grupos neopentecostais e “igrejas de resultado”, conforme diz Ferreira (1997), “tendas de magia”, “agências de cura”, “prontos socorros espirituais” – ou no que o Bispo Edir Macedo da própria igreja chama de libertação da teologia<sup>15</sup>.

Difunde-se como um modelo de corte popular capaz de fornecer “conforto” e “suportabilidade”, respostas “urgentes” para os sofrimentos, “riscos”, dramas dos menos afortunados, desacreditados, empobrecidos em grande parte, por exemplo, que enfrentam “caminhos fechados” na “guerra como Davi”, onde tem inculcado os que aderem de subjetividades (individualidades, desejos, medos, atitudes), com base em discursos (gramáticas) cujo tom reside, segundo Birman (2003), em integrar todos em face de um projeto com base na “igualdade”, que tem na mobilidade, flexibilidade dos “soldados de Deus”, de fé atrevida, desinibida o grande valor onde uma vida de vencedores, empreendedores, felizes, tem sido, portanto “cimentada”, projetada para o futuro e difundida no presente. Arvora-se como a alternativa ou “força do bem” (ponto de luz e paz) capaz de apaziguar, tranqüilizar, equilibrar, gerir os problemas e estabelecer um (re)encontro entre ricos e pobres por um elo moral. Lança uma imagem de si ligada à riqueza,

---

<sup>15</sup> Ver MACEDO, Edir. *Libertação da Teologia*. Rio de Janeiro, gráfica Universal, s/d.

prosperidade, cosmopolitismo e globalização. Emite o “alerta” em tempos de guerra, de “peleja”, como diz um pastor. Coloca-se como a igreja da hora (e da ordem do dia) onde mobiliza os congregados com os “egos de fora”. O destino de todos os desempregados, dos tutelados tem que ser o lugar de chefe. O empregado tem que ser chefe.

Com os aparatos e equipamentos centralizados, burocratizados, se comporta como uma “empresa”, dotada de empreendimentos econômicos, atividades lucrativas. Superestima o capital (os lucros) nos cultos, correntes, campanhas com “atitudes mercantis”. Cobra empenho dos ofertistas, dizimistas para depositar o “voto” como uma norma, uma regra e ligam a “graça de Deus” adquirida pelo esforço despendido. Segue um modelo organizacional episcopal. As doutrinas da IURD se resumem no livro de Edir Macedo: “Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus”.

Utiliza uma metodologia particular com o objetivo de se equilibrar. Escapar da imagem “arranhada”, polêmica, atestado da dinâmica que emprega, segundo Giumbelli (2003). Se legitima na “liberdade e pluralidade religiosa” onde procura legitimidade fora do bojo religioso e ocupa outras frentes, atividades. Estabelece interfaces, jogos, opera arranjos, “milagres” com o Estado que permite-lhe aliados políticos e recursos para atos sociais.

Segundo Giumbelli (2003), para justificar o recebimento de recursos dos cofres do Estado, por exemplo, uma entidade não precisa deixar de ser religiosa, o que permite a Igreja Universal trânsito nos aparelhos institucionais.

As unidades de prontos socorros da Igreja Universal podem ser facilmente encontradas e consumidas pelo estratagema da centralidade urbana dos templos, no cotidiano religioso por todas as partes, lugares que concebe a mobilidade e “nomadismo religioso”, como enfatiza Rodrigues (2008). Adapta os discursos conforme as demandas urgentes, imediatistas onde promete respostas “eficazes” e permite melhor acessibilidade de modo que se insere em geral em face dos fluxos urbanos içados nas cidades. E em Campos dos Goytacazes não tem sido diferente. Mas semelhante, global.

## 2) 'Do local para o global': O projeto e lugar da Igreja Universal na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ

Se a Igreja Universal emerge como registramos em 1977 no Rio de Janeiro, em Campos dos Goytacazes, segundo um informante da igreja e interlocutor de destaque, como identificamos (de modo que se inclui como um dos precursores, protagonistas e representantes do projeto religioso estruturado na cidade), os trabalhos tiveram origem ou amadureceram, se podemos dizer, entre 1989-90 – embora o primeiro templo tenha sido edificado em 1978.

A igreja, com o objetivo de expandir-se de certo modo e de colocar-se como alternativa religiosa, entrega tarefas a um conjunto de pastores (formados, preparados, “empreendedores”) a fim de emancipar o trabalho, difundir a obra – o que Mesquita (2003) enfatiza como mobilidade dos pastores que logram desenvolver os templos e projetos da igreja conforme estabelecem as lideranças e, sobretudo as demandas.

Miremos na fala de um bispo da igreja em entrevista concedida para a pesquisa:

“Quando você se converte a Igreja Universal, a igreja começa a observar se você tem desejo de desenvolver mais na igreja como obreiro, por exemplo, auxiliar de pastor, evangelista. Então, depois que eu recebi os benefícios de Deus, eu comecei a sentir vontade de evangelizar. Tinha ingressado como obreiro na igreja e depois fui ser auxiliar de pastor e depois fui nomeado pastor. Me converti em 1981 na Bahia (onde fico de 1981 a 89) e acabo transferido para o Rio de Janeiro e chego a Campos em 1989 onde o trabalho começa a ser desenvolvido”.

Entretanto, como a Igreja Universal se insere ante o “desenvolvimento” econômico e urbano em Campos dos Goytacazes?

Como a Igreja Universal se estrutura, se forma e se conforma em face da dinâmica urbana erigida?

Como a igreja responde a um conjunto de fatores colocados pelo recente paradigma içado na cidade?

Antes de respondermos a um conjunto de perguntas (ou pelo menos tentarmos), cabe identificar Campos dos Goytacazes a partir de uma conjuntura que coloca a cidade em patamar de debate sobre o “desenvolvimento” e fenômeno urbano.

## **2.1) Campos dos Goytacazes: Um debate a luz do paradigma urbano erigido na cidade**

Podemos dizer que Campos dos Goytacazes, no panorama do fim dos anos 1980 para os 90, se “desenvolve” e se urbaniza em larga medida e de forma veloz, onde concorre um conjunto de fatores, entre eles os de ordem econômica, a saber, o enfraquecimento e arrefecimento do empreendimento agro-sucro-alcooleiro e dos reflexos das atividades extrativistas na Bacia de Campos<sup>16</sup>.

Dados do IBGE para 1970, 1980 e 1991 indicam, por exemplo, que Campos dos Goytacazes em certa medida no intervalo de apenas 20 anos sofre um ciclo urbano radical de 89,19% e observa uma baixa de 51,59% sobre a vida rural como alternativa. Ou seja, em 1991, conforme os dados fornecidos e enfatizados, os moradores de certo modo urbanos registrados eram 83,60%. Por outro lado, os moradores do campo de apenas 16,40%, para uma cidade que tinha no campo o vetor e alternativa da economia.

Como motivos do deslocamento e em parte desaparecimento dos habitantes da zona rural em Campos dos Goytacazes, pode-se destacar o fenômeno urbano e declínio de uma das principais atividades econômicas: das usinas de cana colocadas no patamar de desvantagem em face da desigual competitividade com outros Estados, como São Paulo, entre os anos de 1960 e 1970, levado a cabo, sobretudo pela mecanização da lavoura do produto e pelo

---

<sup>16</sup> Na Bacia de Campos (offshore), localiza-se um grande pólo de exploração de petróleo e gás natural da Petrobrás, na plataforma continental. A cidade se destaca como a maior produtora de petróleo do Brasil, além de concentrar a maior parte da indústria de cerâmica fluminense. Das sete usinas de açúcar e álcool do Estado, seis ficam em Campos. Diversas indústrias se fazem presentes; apenas em 2007 mais de cinco foram instaladas através do Fundecam (Fundo de Desenvolvimento de Campos).

enquadramento do trabalhador rural nas leis trabalhistas, componentes que concorreram em certa medida para a extinção dos colonos e transferência gradativa dos trabalhadores moradores das terras dos usineiros e dos grandes fornecedores de cana (CRUZ,1992).

Por outro lado, o contingente de trabalhadores que emergem do campo, seja do interior da cidade ou de outras localidades do Norte Fluminense, acabaram por migrar e se transferir para as zonas urbanas de Campos dos Goytacazes sem a contrapartida das oportunidades ou das ofertas de postos de trabalho. Em virtude de um conjunto de fatores como o fechamento de usinas a partir da queda vertiginosa na produção e dos empregos permanentes, do aumento da sazonalidade, das terras concentradas sob o controle das usinas, das enchentes freqüentes e da pobreza dos pequenos produtores, intensifica-se o desaparecimento das atividades rurais tidas como vetor da economia, o que faz tirar os trabalhadores do campo para a cidade de Campos dos Goytacazes que se configura em pólo de atração, em certa medida regional, apesar da incapacidade em atender demandas de emprego e infra-estrutura (CRUZ,1992). Ou seja, combinado com o fenômeno do êxodo rural, aparecem os problemas habitacionais na cidade em virtude da falta de moradia e postos de trabalho.

O fenômeno urbano, os aparatos modernos, o mercado de trabalho que sofre ajustes em Campos dos Goytacazes, introduz o trabalhador em face de um universo de instabilidade, insegurança e desamparo, em termos das oportunidades de emprego e renda.

Mudanças nas dinâmicas de produção a partir do fim do modelo nacional-desenvolvimentista e advento da engrenagem (agenda) neoliberal levaram a formação de um enorme contingente de trabalhadores rurais residentes na cidade, volantes, itinerantes e observa-se, sobretudo uma tendência em face da terceirização da PEA (População Economicamente Ativa).

Ênfase no biscate, no trabalho informal ou clandestino. Ou seja, a sazonalidade do trabalho na lavoura combinado com os itinerantes modelos do regime de trabalho, mais a liberdade e falta do vínculo empregatício ou carteira assinada, torna a força de trabalho em Campos dos Goytacazes flutuante, um

grande “exército de biscateiros” (como por exemplo, puxadores de carroça que transportam de tudo, entulhos e inclusive mudanças), que alternam de forma permanente o trabalho na lavoura com o biscate no que tange a serviços do lar, obras, mercado ambulante ou transportes alternativos de fretes, etc.

O panorama que se abre de falta de alternativas econômicas capazes de competir com o empreendimento agro-sucro-alcooleiro na demanda por força de trabalho precipita de certo modo um estado de permanente insegurança no emprego (biscates, serviços) que se intensificam em virtude da desqualificação profissional e educacional – a contraface da “liberdade” – no que tange a precarização do trabalho sem garantias, sobretudo em termos de trabalho remunerado (CRUZ, 1992).

Portanto, pode-se dizer que as decadentes fases da empresa agro-industrial da cana acaba por redefinir e reconfigurar a paisagem social e arquitetura urbana de Campos dos Goytacazes que a partir dos anos 1960, 70 e 80 começa a receber e absorver (como um centro aglomerador) uma camada de trabalhadores do campo sem qualificação profissional adequada, que acabam presas da economia informal, ocupando endereços a margem das zonas urbanas centrais para facilitar o movimento (pendular) em busca de empregos e oportunidades na cidade. Emergem um conjunto de favelas, periferias, localidades pobres.

Os problemas identificados no bojo do “desenvolvimento”, com reflexos hoje em dia que decorrem em larga medida dos recursos injetados dos “royalties”, ganham novos contornos em face da dinâmica econômica erigida, edificada. Percebe-se que a pobreza, o desemprego são peças do alicerce da reprodutibilidade das dinâmicas de desigualdade que se ancoram nas vigas da economia local que tem a frente uma elite emergente, enriquecida (CRUZ, 1986).

A cidade tida como a capital do petróleo<sup>17</sup> (algunha que compartilha com Macaé outra cidade que faz parte da OMPETRO, ou seja, Organização dos Municípios Produtores de Petróleo) em virtude das plataformas da Petrobrás

---

<sup>17</sup> O município de Campos dos Goytacazes arrecada, segundo registros da prefeitura, 1.180.153.988,64 de *royalties*. A frente de todos os municípios membros da OMPETRO.

instaladas na Bacia de Campos, se remodela de forma veloz e radical conforme as estruturas urbanas padronizadas dos grandes centros cosmopolitas, capitalistas e recebe um conjunto de empreendimentos, aparatos modernizadores, serviços (Wal Mart, EXTRA, Mac'Donalds, Bob's, Habib's, Honda, Yamaha, Toyota, Ford, GM, KIA, Fiat, Claro, Vivo, Casa & Vídeo, Lojas Americanas, etc.), atividades, universidades (como a UENF em 1993, CEFET, UFF entre outras particulares como Cândido Mendes, Estácio de Sá, Universo).

Tem, segundo o Censo de 2008 tirados do IBGE, 431.839 habitantes e se destaca como a principal cidade do interior fluminense, uma das que mais arrecadam recursos no Brasil.

## **2.2) O lugar e papel da Igreja Universal na cidade de Campos dos Goytacazes**

Pode-se dizer, de certo modo, que em face do panorama enfatizado, que reconfigura e redesenha o espaço público, emerge o trabalho vigoroso desenvolvido pela Igreja Universal em Campos dos Goytacazes como preconiza o informante entrevistado, hoje bispo:

“Eu vim para Campos e pode-se dizer que o trabalho tinha começado aqui com três igrejas: uma na Barão de Miracema, uma em Custodópolis, uma em Guarus, uma em Itaperuna. Em Goytacazes a começar com o que chamamos de núcleo de trabalho. E começamos a desenvolver o trabalho”.

De acordo com o Censo do IBGE de 2000, a Igreja Universal responde por 3,5% do rebanho de Campos dos Goytacazes, longe do catolicismo que lidera com larga vantagem o campo religioso na cidade como um todo com um rebanho de 59%, dos que não se declararam parte de nenhum culto (15%), dos batistas que abocanham 7,6% do rebanho e da pentecostal Assembléia de Deus que completa agora em 2010 100 anos de atividades no Brasil (com 3,6%).

Vejamos os dados do Censo do IBGE para Campos ano 2000:

|                     |       |
|---------------------|-------|
| Catolicismo         | 59%   |
| Evangélicos         | 21%   |
| Históricos          | 2,8%; |
| Renovadas           | 0,6%; |
| Batista             | 7,6%; |
| Assembléia de Deus  | 3,6%; |
| Universal           | 3,5%; |
| Outras evangélicas  | 0,5%; |
| Outras pentecostais | 1,7%  |
| Sem religião        | 15%   |

Fonte: IBGE-2000

Mas, embora a Igreja Universal apareça, pela ordem, como a 5ª alternativa denominacional em Campos, aguardamos com expectativas os resultados do Censo de 2010 onde pode-se aferir que os dados podem ter sofrido ajustes conforme o tempo – dez anos completados perto de outro em curso.

Por exemplo, a sede da Igreja Universal hoje (Catedral da Fé) emerge apenas no ano de 2005, entre outras grandes unidades (templos) na cidade, fatores que podem em certa medida indicar para uma ofensiva da igreja no intervalo do Censo.

Segundo o informante, que diz ter acompanhado a origem e bases do trabalho e projeto estruturado pela Igreja Universal em Campos dos Goytacazes, tudo acontece nos tempos em que chega para ajudar a erguer e fortalecer a obra (parada, enfraquecida), em 1989 (ano que chega a Campos dos Goytacazes a pedido da Igreja Universal), embora diga que o primeiro lugar de culto pode ter sido instalado em 1978:

(...) “acompanhamos tudo isso aí, acompanhamos tudo, porque, é... Quando eu cheguei a Igreja não tinha nem rádio, emissora de rádio pra poder falar, não existia a Rádio Record, é... Não existia a TV Record também, né, era a TV Norte Fluminense, né, então eu participei do processo da compra da Record, que era a Rádio Cidade, antiga Rádio Cidade, né, que passou a ser totalmente evangélica, com programação evangélica, né, então aconteceu tudo na minha época, né, que eu estive aqui (...)

(...) “Aí depois, é... Veio a etapa de expansão da Igreja também para o interior, né, foi onde ela começou a acontecer em Bom Jesus, é... Em São Fidélis também, ela foi se expandindo para todo o interior da região, né, entendeu? Macaé ela já existia, mas era muito pequena a Igreja também, né, ela foi desenvolvendo, né, ao longo desse tempo aí. Só que, nesse ínterim, de 89 até 2005, eu saía para poder abrir trabalhos em outras cidades, né, em outros Estados e, voltava pra Campos, entendeu? Então, saí daqui, fui pro Maranhão, no final de 89, cheguei no começo de 89 e no final de 89, depois do trabalho já bem, é... Encaminhado aqui eu fui pro Maranhão, né? Que só tinha três igrejas também. Aí expandimos o trabalho lá, fizemos um trabalho evangelístico de expansão aí depois voltei pra cá novamente, em 92, novamente, né? Depois, é...”

(...) Saí novamente em 92, fui para a Capital, a Capital, a igreja precisou de mim na Capital, fiquei lá em 92 até 95, aí voltei pra cá em 95 novamente, aí já outras etapas, né? Aí cada etapa que eu voltava aqui era mais uma conquista, né? Que a igreja ia tendo aqui também. Aí teve a etapa da Radio Cidade que virou Radio Record. Aí teve a etapa, é... De... Conquistarmos o local onde está a Catedral hoje em dia, ali era alugado, eram dois galpões, nós chegamos ali e alugamos, e... reformamos, entendeu? Aí alugamos né? Depois na terceira etapa aqui onde veio a compra daquele local, né? E... Que aconteceu a construção da Catedral. E... até chegar também a aquisição da Record, da Record, da TV Norte Fluminense, né? Aí, veio da equipe da Record Nacional, né? E fez toda a negociação e Record está aí, e o trabalho tá acontecendo até hoje, graças a Deus”.

Hoje, a Igreja Universal tem tido grande peso, volume, lastro e em certa medida protagonismo (lugar de destaque) no espaço urbano de Campos dos Goytacazes que parece ter sido em virtude da estrutura edificada, erigida, dos aparelhos adquiridos como os lugares de culto instalados, dos congregados mobilizados conforme as atividades da igreja na cidade, dos recursos arrecadados (sobretudo dos dizimistas “disciplinados”, organizados que depositam os “impostos”, “tributos sagrados”), a Rede Record de Rádio e TV (R7) na cidade com programas que obedecem a um parâmetro geral e local, o PRB (Partido Republicano Brasileiro), braço político da igreja que tem uma representatividade na Câmara Municipal, fora outros fatores que detalhamos em outras partes.

Identificamos pelo menos 38 templos de parte a parte em grande medida instalados nas Avenidas dos bairros de Campos dos Goytacazes de certa forma “urbanizados” como a Beira Rio, a BR 101 Norte, a 28 de Março, a Alberto Lamego – seja do centro ou da periferia. Endereços facilitadores em termos da acessibilidade.

### **2.3) A Catedral da Fé: Sede da IURD em Campos dos Goytacazes – um “ponto de luz” ou “ilha de prosperidade” no Centro da cidade**

A Igreja Universal tem ocupado as cidades e despertado o interesse de dezenas de pesquisadores. “Vamos invadir as cidades!”, em brado profere o bispo-supremo da igreja, Edir Macedo, em 2002, ano em que a IURD tinha completado 25 anos. Um apelo e discurso que remete de certo modo a um projeto difusor pelas cidades e consolida o que Gomes (2010) chama de “era das catedrais” que confere uma proposta institucional de poder e conquistas. De ocupar os espaços e frentes.

Falamos de cidade não apenas como uma paisagem, uma ecologia urbana. Mas como esfera que produz dinâmicas de sociabilidades. Igreja e cidade precisam ser tratadas como componentes interdependentes, articulados, integrados como alerta Almeida (2009).

Mas afinal, onde residem os templos ou “enclaves fortificados” da Igreja Universal?

Como os “iurdianos” tem circulado pela cidade e ocupado o espaço público, urbano em Campos dos Goytacazes?

Podemos dizer que a Igreja Universal tem se conformado como uma religiosidade que enseja a acessibilidade em face dos fluxos urbanos, segundo indica Almeida (2009). Os pontos de culto, em geral, se estabelecem conforme as localidades onde predomina o dinamismo urbano. Os templos (grandes ou pequenos) tem tido em geral um grande público e procura, como observamos. A dinâmica religiosa da Igreja Universal concebe a territorialidade como um parâmetro, como notamos.

Cabe destacar que o grande e sofisticado templo sede da Igreja Universal localizado (como enfatizamos em outra parte do trabalho) na Beira Rio, aberto em julho de 2005 (conforme pesquisamos) na Avenida Rui Barbosa 1017, Centro, perto de um clube social famoso e da base do corpo de bombeiros – conhecido como Catedral da Fé – fica bem perto da antiga Catedral de São Salvador (um dos

berços aglomeradores do catolicismo na cidade de Campos dos Goytacazes), local de grande fluxo urbano: terminal de ônibus, pontos de táxis, bancos, centro administrativo e de consumo da cidade, shopping's, mercados populares.



Catedral da Fé, sede da IURD em Campos

Por outro lado, na praça com o nome da Catedral (São Salvador) – um lugar de expressão do sagrado no Centro da cidade – a Igreja Universal tem como estratégia produzir e patrocinar grandes encontros e atividades abertas (denominacional e interdenominacional), com a presença de autoridades (como um onde a ex-prefeita Rosinha Garotinho participa, fora os shows de ritmos “gospel”) o que nos faz observar e aferir como o tecido urbano (estrutura) conforma e têm sido conformado de certo modo por um conjunto de iniciativas religiosas e como tem tido um papel vigoroso e de destaque (protagonismo) pela Igreja Universal – uma igreja ou culto que tem se desenvolvido na cidade e para a cidade, tem se estruturado e estruturado valores burgueses se podemos dizer.

A Igreja Universal se empenha em adequar-se de acordo com as mudanças dos espaços em que se insere. Como diz Rodrigues (2008), a Igreja Universal, bem como outros modelos religiosos, não caracteriza apenas uma mudança que tem ocorrido “nos” espaços sociais urbanos, mas um reflexo de mudanças “dos” espaços citados.



Noite da resposta na Praça São Salvador



Ex-Prefeita Rosinha e os Bispos da IURD em palanque armado na Praça São Salvador

O templo todo amplo, climatizado, colorido, bem equipado com sistema de som moderno, vitrais coloridos nas laterais com dizeres “sagrados”, tirados das escrituras, aberto em 15 de junho de 2005 em clima de festa, como diz um grupo da igreja, tem capacidade para comportar um total de 2.500 espectadores sentados e fornece certo conforto e comodidade para todos os congregados e freqüentadores. Tem 7 andares nos 7.544 m<sup>2</sup>: estacionamento no térreo como os de shopping’s, berçário, portaria, secretaria, auditórios, salas de reunião para todos os grupos (jovens, empresários, mulheres).

Fica bem localizado como destacamos (ênfase que tem tido os templos da IURD nas cidades em termos de localidade, estratégias adotados) para facilitar o fluxo dos que chegam da periferia para o centro.



Nave da Catedral sede

Segundo Swatowski (2009) com trabalho desenvolvido sobre a Igreja Universal na cidade de Macaé-RJ, vizinha de Campos dos Goytacazes, as igrejas em termos gerais não ficaram indiferentes a um conjunto de fatores e atores como a base da Petrobrás que traz aparatos modernizadores (empreendimentos, serviços, emprego, consumo, recursos) com reflexos diretos na cidade e na vida social como um todo. A Igreja Universal, por exemplo, em vez de diques para impedir os encontros gera pontes e “link’s” para penetrar no panorama moderno que chega a cidade com impactos claros e bem definidos.

Em Campos dos Goytacazes, na Catedral sede percebemos similitudes ou singularidades em termos de comparabilidade com a igreja da outra cidade acima citada, transformada em certa medida por fatores parecidos, a saber, os reflexos produzidos em certo sentido pelas atividades extrativistas na Bacia de Campos, que reconfiguraram o espaço urbano.

#### **2.4) Igreja Universal em contexto de pobreza e “medo”: canal de “prosperidade” e sociabilidade**

Trabalhos produzidos em favelas de Campos dos Goytacazes identificaram em grande medida um conjunto de moradores ligados a lugares de cultos pentecostais e neopentecostais como a Igreja Universal. Grande parte das igrejas edificadas em favelas ou territórios da pobreza tiveram como fundadores lideranças religiosas de outros lugares, ou seja, de fora das favelas. Em outros casos, moradores abriram pequenos núcleos ou filiais denominacionais por iniciativa popular (via do mutirão) e mesmo depois de dissidências com o grupo estabelecem uma nova igreja na localidade (MESQUITA,2008).

A Igreja Universal abriga pelo menos 38 lugares de culto na cidade de Campos dos Goytacazes como identificamos. Um deles o templo que fica em uma das estradas com grandes fluxos que corta a cidade: a Alberto Lamego no bairro

Parque Califórnia, nas proximidades de um conjunto de favelas interligadas em contigüidade territorial.

O templo, segundo um pastor que entrevistamos, edificado em recente fase, concebe um galpão capaz de abrigar uma multidão de adoradores dos arredores, das redondezas (a exemplo do primeiro templo da IURD aberto no Rio de Janeiro) com grades na entrada onde se identifica na fachada o nome da igreja – Igreja Universal do Reino de Deus pelos signos aparentes. Tem origem a partir de um pequeno núcleo (trabalho) da igreja no local onde se difunde.



IURD da Avenida Alberto Lamego

Nas idas a campo, chegamos a um lugar de culto da Igreja Universal: o templo da Alberto Lamego. Entramos sem nos identificar, nos comportamos como um integrante ou freqüentador para não contaminar a pesquisa e escapar das desconfianças produzidas, dos medos à solta, como diz Bauman (2000).

A Avenida Alberto Lamego, que corta o bairro que preconizamos (Parque Califórnia), fica perto de uma das favelas da cidade que por outro lado abriga uma dezena de membros, freqüentadores de cultos pentecostais e neopentecostais, como a Igreja Universal (como registramos), que costumam freqüentar o templo e se dedicar a “obra” no cotidiano.

Conforme trabalhos produzidos sobre o lugar, a favela emerge de uma fazenda desapropriada. Os limites da favela são entrecortados por muralhas erguidas, originadas de moradias sofisticadas que tem entradas não pelo lado da

favela (onde desembocam os muros) que fica nos “fundos”, a margem do rio. Mas pela Avenida Alberto Lamego.

Se por um lado os moradores da favela habitam moradias simples, aglomeradas, mal iluminadas, com muros e fachadas inacabadas, os condôminos vizinhos (intra-muros) ostentam trincheiras fortificadas semelhantes a fortalezas com guaritas, câmeras e guardas uniformizados destinados a separar e manter distantes os “outros”, ou seja, os favelados marginalizados e estigmatizados<sup>18</sup>, alijados e relegados sutilmente.

O lugar compartilhado agrega e repele por elementos demarcados: muros como os preconizados acima, cercas erguidas pela UENF, ruas, avenidas, rio, renda, escolaridade, emprego<sup>19</sup>.

Com as idas freqüentes a campo, o grupo de pesquisa pôde identificar que a cada ano os muros ficam cada vez mais altos, fato que pode notabilizar “o medo da favela” difuso. Nota-se, porventura, uma proximidade espacial combinado com um distanciamento social como indica Carvalho (2004).

Longe das “trincheiras seguras” e auto-segregadas das moradias fechadas, monitoradas, grande parte dos moradores dos “fundos”, segregados, que habitam a margem do rio, confinados, que enfrentam os “riscos” das enchentes de acordo com a sazonalidade, o “medo” que se espalha em virtude do conflito perene ativado pelas batidas policiais a fim de reprimir o varejo de drogas no local, costumam freqüentar igrejas como a Universal que tem um templo do lado de fora da localidade<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> O termo estigma, de origem grega se refere a sinais corporais com os quais se procura evidenciar algum traço “diferente” ou mal acerca do “status moral” e dominante. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor, ou seja, figura marcada, poluída que tinha de ser evitada, eliminada (classes perigosas). Assim, se reserva o trabalho a abordar grupos sociais em face de locais “estigmatizados” a partir de uma identidade social “forjada” pelos agentes sociais e institucionais e não enveredar para a perspectiva dos estigmas particulares ou individuais como, por exemplo, loucos, aleijados, etc. Para isso ver: GOFFMAN, 1988.

<sup>19</sup> Uma grande empresa ocupa a favela a margem do rio e gera transtornos como barulhos e tumultos com transportes nas ruas e parece não compensar os moradores. Em depoimentos de moradores, fala-se que a empresa não emprega quem habita a favela para a insatisfação de muitos que enxergam nela uma possibilidade de emprego e renda.

<sup>20</sup> Identificamos, de lado a lado da favela, nove vertentes religiosas: cinco do ramo pentecostal (Assembléia de Deus Ministério Madureira localizada nas proximidades da ‘Portelinha’, Assembléia de Deus Ministério Getsemani, Igreja Pentecostal Filadélfia, Igreja Evangélica Ministério Resgatar

Nota-se com ênfase igrejas pentecostais de parte a parte. Templos iluminados e coloridos, adaptados em moradias cedidas ou adquiridas, erguem-se em contraste com a paisagem de certo modo “sombria” da favela que decorre da degradação do ambiente em virtude das ruas mal iluminadas e sem asfalto, das moradias aglomeradas, instaladas em becos limitados à margem do rio.

O barulho dos cultos com cantos e hinos atravessa toda a favela com ecos que repercutem em todo o local (des)afinado com o som dos botecos repletos, sobretudo quartas, sextas e domingos, dia do “Senhor”, na fala dos que freqüentam a igreja.

Embora o templo da Alberto Lamego não seja de luxo e conforto como o da Beira Rio, Catedral sede, uma carga menor de freqüentadores (se comparados), os cultos e atividades ocorrem de modo a obedecer a uma agenda religiosa produzida, gerida e transmitida a todos os lugares de culto (seja de grande ou pequeno porte).

Contudo, pode-se dizer que, embora a Igreja Universal seja como tinha dito um dos informantes da igreja, candidato a pastor, unidade Alberto Lamego: “apenas um corpo” que obedece a uma ordem e estrutura de cima, do topo do poder (e com sentido, pela forma piramidal com que se organiza, se estabelece), percebemos, nas freqüentes idas a campo, duas unidades da Igreja Universal em Campos dos Goytacazes bem diversas em certos sentidos, a começar pelo tamanho e lugar de culto, pelas acessibilidades – em termos das dinâmicas. Percebemos que predominam sociabilidades diferentes nas respectivas unidades da Igreja Universal, apesar de um projeto global determinar os rumos de cada uma.

---

que fica de fato na margem do rio, Igreja Universal do Reino de Deus localizada no lado externo da favela, fato que confirma que a IURD se instala menos dentro de localidades pobres do que a Assembléia de Deus), duas das tendências tradicionais, históricas (Igreja Presbiteriana do Matadouro, Igreja Batista Parque Califórnia com o novo templo em obra), uma capela ecumênica de origem católica (Capela Bom Pastor) e por fim um terreiro conhecido como Casa de Alforria.

O informante da igreja acima citado esclarece o que perguntamos:

(...) Cada uma faz a sua, mas no mesmo espírito. É um corpo só (...) a Universal é um corpo só. Não pode fazer diferente e tal, aqui é um propósito, lá é outro, não. É uma linha só. É um corpo só (...) Entendeu? A Universal é um corpo só, é mais centralizada, é mais organizadinha. É um corpo só, é uma linha só. Por exemplo, se aqui a reunião de hoje é do desafio, lá também é a mesma coisa, mesma palavra que vai dar lá, vai dar aqui também...Se lá é o manto, aqui também é o manto (...)

A unidade da Avenida Alberto Lamego, perto das favelas que preconizamos acima, onde demos largada a pesquisa pela facilidade de chegar, percebemos um certo controle social onde nos cultos fomos sempre observados e abordados pelos obreiros e pelo pastor. Recebemos convites para participar do grupo jovem (“Força Jovem”) do templo e de outras atividades de rotina como as campanhas de fé e milagres.

Contudo, resolvemos em primeiro lugar não nos identificar para não contaminar a pesquisa, gerar desconfiças ou constranger-nos. Mas em outro encontro, como das entrevistas, nos identificamos e as desconfiças foram de certo modo dirimidas dado que esclarecemos a proposta da pesquisa, os objetivos.

Percebemos de certo modo fortes vínculos de comunidade e de vizinhança (não nas reuniões onde todos se “pulverizam” por um mergulho individual, semelhante em todo lugar, mas nas chegadas a igreja e no fim da atividade), em que os membros tinham o costume de retornar para os locais de moradias em grupos a caminhar, em grande medida da favela que termina na Avenida Alberto Lamego, como percebemos nas entrevistas e conversas informais – e tinham em geral o modo de evitar falar ou se referir a favela, dos endereços em virtude dos discursos estigmatizadores reproduzidos e banalizados que “criminalizam a pobreza”.

Diz o informante supracitado, o candidato a pastor, perguntado se mora por perto, pelo entorno onde fica a favela e percebe-se que evita falar:

Moro aqui na rua, na Bezamar...Não, Bezamar, essa rua próxima aqui. Essa rua “asfaltada” aqui. Mas a maioria é daqui: Matadouro, Tira Gosto aqui, de lá do Taubaté, todos os bairros aqui vizinhos. Flamboyant...

O candidato a pastor da Igreja Universal que entrevistamos tem 21 anos e frequenta o templo da Avenida Alberto Lamego todos os dias. Perguntado se trabalha, responde que não porque pastor não pode trabalhar, tem que se dedicar apenas a igreja. Diz ter parado de estudar no primeiro ano do ensino médio. Diz não ter tempo para estudar, apenas para Deus. Fala ter sido convertido com o batismo das águas.

(...) Faz três anos (que me converti), acho que foi em novembro de 2007. Não, porque o pessoal daqui, o grupo jovem ia me evangelizar. Fazer um trabalho de evangelização e tal...falar do senhor Jesus. Eles fazem trabalho na vizinhança. Faz gincana aqui...aí que me atraiu...por causa disso (...) Os núcleos da igreja costumam evangelizar terça, quarta, sexta e domingo (...) Aí hoje é só pai né... Entro na guerra mais (forte) (...) me mudei, mudei um bocado de coisa. A pessoa se converte, deixa as coisas erradas (...).

Hoje em dia C., o candidato a pastor entrevistado diz fazer parte do grupo que evangeliza pelo bairro, pela vizinhança, por todo o entorno. Percorre as ruas, chama nas casas para evangelizar, orar. Participa das correntes, das atividades organizadas pela igreja e as vezes frequenta a Catedral Sede no Centro da cidade. Diz não frequentar com mais volume a sede da IURD, a Catedral, em virtude das dificuldades para se deslocar e chegar de modo que precisa pegar ônibus e por outro lado por “medo” de transitar pelo Centro da cidade, posto que mora em favela e segundo Souza (2010) Campos dos Goytacazes tem sido palco de rivalidades entre favelas que estabelecem o que Park (1997) denota por “zonas morais” que restringem os espaços: lado B e lado A<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Em 2007 desenvolvi uma pesquisa para conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais em que o foco principal foi o jovem e sua rotina no território da favela. Trabalhei especificamente a partir de duas vivências juvenis que estabeleciam relações com o tráfico de drogas na favela Baleeira e suas interações com os moradores do local. Nesta pesquisa observei a existência de uma rivalidade entre esta favela e a favela Tira Gosto, que se iniciou quando um dos moradores da favela Baleeira, propriamente o irmão do chefe do tráfico local, foi assassinado por um traficante da favela Tira Gosto, e o corpo não foi recuperado para a realização do enterro. O resultado desta rivalidade foi a divisão do território em lados A e B, que limitou a circulação de alguns indivíduos na

(...) tive esse desejo mesmo de evangelizar. Vamos pras ruas, batemos na porta. Evangelizar é, por exemplo: te dou um jornal, por exemplo, hoje, agora: Bom dia senhora! Posso falar com a senhora rapidinho? Posso fazer um convite pra senhora? Estamos aqui com a Folha Universal. Se a senhora está passando por pobrema (sic), alguma dificuldade o que? Financeira, espiritual, tal, tal, você faz uma visita, visita a gente lá? Hoje, sexta-feira senhora, vai lá, vai ter reunião da cura, vai ter o manto, a senhora vai tocar no manto...Leva o pedido senhora! A senhora aceita o jornal? Tal, tal...aí ela vem. Passa a vir (...).

Mas segundo o informante nem todos se comprometem a permanecer na igreja de forma permanente, fazer parte da “obra” com tarefas definidas, formalizadas – o que indica uma certa fragilidade, fluidez dos que solicitam ou procuram por algum motivo os serviços nos templos com os vínculos da igreja. Conforma-se como um “pronto socorro espiritual”, como diz Mariano (2005) onde presta as primeiras ajudas religiosas em busca da cura, fornece respostas “urgentes”.

O informante candidato a pastor nos relata a fragilidade identificada e diz enfrentar dificuldades de modo a comprometer grande parte dos que chegam a igreja com tarefas, com atividades:

(...) Tem gente que vem, mas...Vem sempre dia de terça, sexta com interesse de que? De ser só curada, mas não volta mais quarta-feira. Aí que o mal entra... É isso que eu falei pro senhor, fica vazio o corpo dela, aí volta com mais sete...Fica pior. Aí que eles voltam depois que...

Por outro lado jovem candidato a pastor diz ter mudado de vida:

(...) Agora mudei...Aí tenho a consciência do que é certo e do que é errado. Então isso que eu falei pro senhor: tem que buscar a Deus, quer dizer, o Espírito Santo. Pedir a Deus o que? O novo nascimento... Você muda, aí você sabe, tem a consciência do que é certo e do que é errado... Aí quando é que você descobre o que? Que ela passa, que você foi deixando os erros... Ah eu fazia só coisa errada. Eu tenho vergonha de falar assim. Não, eu fazia coisa errada, prostituição, mexia

---

cidade, principalmente os jovens envolvidos com o tráfico de drogas. São considerados o lado A pertencente à favela Tira Gosto e o lado B pertencente à favela Baleeira. Nestes espaços encontramos dois lugares de intensas relações sociais: o centro da cidade, sob domínio do lado A, e a Fundação Rural de Campos, espaço de realização da maior parte das grandes festas da cidade, pertencente ao lado B.

com coisa errada... Tava entristecendo meus familiares. Enfim, eu passei a gostar pelas gincanas. Aí ouvia a palavra do pastor e gostava.

Embora C. se limite a tocar o trabalho com o pastor no templo da Alberto Lamego, que te sobrecarrega, diz ser feliz por poder servir a Jesus na terra, No cotidiano do bairro que habita. Diz ter um sonho: de evangelizar por toda a cidade e ter o dom de curar todos que sofrem, atingidos pelo “mal”.

### **3) Plantão espiritual na Igreja Universal: Assistência prestada nos templos – Qual o seu problema?**

Os cultos da Igreja Universal, como identificamos em freqüentes idas a campo – fomos em todos os dias e horas na Catedral sede e em outras unidades como o templo da Avenida Alberto Lamego, conhecemos o da 28 de Março e da Alberto Torres – acontecem pelo menos em todos os turnos e obedecem a um parâmetro uniforme e centralizado (comum), conforme uma agenda (menu) que se organiza em face de correntes, campanhas, temas e atividades diversas – dirigidas a todas as idades, sexo, renda – e “problemas” que regem de certa forma no cotidiano dos que solicitam os serviços religiosos e “profanos” oferecidos pela IURD.

A igreja conserva os templos abertos em todos os turnos e pratica cultos pelo menos 4 vezes por dia. Estabelece o que podemos chamar de “plantão espiritual”, como diz os pastores, a fim de receber membros e todos que procuram os lugares de culto, um a um em busca de se “regenerar”, sempre atendidos pelos bispos, pastores e obreiros uniformizados (plantonistas), prontos a evangelizar e “decifrar enigmas latentes”, dramas urgentes, riscos iminentes capazes de ativar o “mal” que não escapa com facilidade, segundo um obreiro da igreja. Para poder travar uma grande “peleja” (como diz um bispo da igreja) ou guerra contra o “mal” que aflige, os pastores em geral oferecem “receitas” e prestam assistência religiosa 24 horas por dia com “terapias” bem diversas nos “prontos-socorros espirituais”.

As lideranças à frente da “obra” dizem que não precisa ser da Igreja Universal para comparecer a um templo e pedir “ajuda” (segundo um pastor pode ser adepto do catolicismo, da umbanda, do espiritismo; todos tem o direito de ser feliz, de sorrir, de se regenerar), o que nos faz identificar uma certa flexibilidade, fluidez e fragilidade nos laços dos freqüentadores com a IURD e notar que tem se apresentado como um centro religioso da “hora” (permite acessibilidade) ou agências de cura segundo Mariano (2005), para talvez conduzir os que “sofrem”, “desafortunados”, “desamparados”, aflitos a um lugar comum em termos de respostas sempre “urgentes”: presença de encosto, do mal que se desfaz com um banho descarrego ou com alguma tarefa (“simpatia”) sugerida.

Com o dizer “sedutor” difundido e popularizado nas portas ou fachadas dos templos (“pare de sofrer”) os plantonistas ou evangelizadores presentes costumam fazer consultas espirituais capazes de fornecer respostas para todo tipo de problema, drama, desespero, sentimento.

Os que solicitam consultas no “SOS espiritual” sempre com a pomba branca embutida no coração vermelho – edificado em um lugar de facilidade para se deslocar por ser um centro de grandes fluxos – chegam aflitos, ofegantes, relutantes, desanimados como afirma um dos pastores entrevistados. Vi diversas vezes grupos em fila a fim de falar com o bispo ou pastor da hora para pedir conselhos.

Pode-se dizer que os lugares de culto da Igreja Universal figuram como agências de cura (“tendas de magia”) que sugerem responder a todo tipo de problema, drama. Em programas da igreja na Rede Record ou R7 de Campos dos Goytacazes como o Plantão Espiritual (Plantão da madrugada), pastores oferecem consultas espirituais gratuitas. Tratamentos capazes de “restaurar” (limpeza contra feitiços, magias), desmanchar macumbas e desamarrar forças do mal, encostos que fragilizam a vida, geram depressão, dor de cabeça crônica, endividamentos, nomes no SPC-SERASA, separam namorados.

Fez um pedido para todos levarem vestes de entes e de si para consagrar, ungir, com óleo benzido, trazido do topo do Monte Sinai a fim de amortecer os conflitos e proclamar uma vida feliz, bem sucedida.

O “SOS espiritual” como enfatiza Mariano (2005) se organiza em face de uma agenda (ou menu) que ocorre toda semana em todos os templos, com enredo motivador (promete felicidade, vida feliz), ordenado em correntes ou reuniões (atividades cotidianas de pedidos e “milagres”) e temas:

- Segunda-Feira: prosperidade (corrente dos empreendedores conhecida como “Nação dos 318”);
- Terça-feira: Desafio da Cruz para “desfazer todo o mal” e onde se estabelece a corrente da saúde, que se dedica em “orar” (pelos enfermos) e realizar práticas de cura espiritual;
- Quarta-feira: corrente dos filhos de Deus, que se dedica à busca e recebimento do Espírito Santo;
- Quinta-feira: corrente da família, que se dedica a resolver problemas de ordem familiar (relação conjugal, conflitos entre parentes, educação dos filhos);
- Sexta-feira: Dia do desmanche, corrente da libertação ou descarrego total para eliminar toda carga do mal – encontro das sete orações e do manto vermelho erguido no culto. As entidades que decorrem dos cultos afro-brasileiros (Exus, Pombagiras, Orixás, Caboclos) são conclamadas a se manifestar pela voz do pastor (ou bispo) à frente do culto – que pede para se retirar do corpo dos que acabam “afetados pelas pragas jogadas”, que segundo um pastor, “amarra” projetos profissionais, carros, empresas. Oferece-se o famoso “banho do descarrego” (agora o manto tem sido outra alternativa de luta) que se dedica a fazer uma “limpeza”, “faxina” a fim de desfazer (desmanchar) “trabalhos”. Dia de orações fortes e do se chama de “vale do sal” (tapete de sal grosso estendido em que todos no culto circulam e despençam aqueles em certo sentido “tomados pelo diabo”). Percebe-se uma grande ênfase na “demonopatia”;
- Sábado: corrente da prosperidade 12:00, terapia do amor 19:00 e corrente das crianças, que tem como objetivos: orações de louvor e

agradecimento. Pode ser tida como uma versão amena com menor duração e sem pedidos de ofertas;

- Domingo: louvor e adoração a Deus, domingo da vida transformada, concentração de fé e milagres que acontece em três turnos, sendo pela manhã realizadas reuniões dedicadas ao “louvor” e ao “Espírito Santo”. A tarde acontece o encontro jovem. A noite realiza-se a “corrente total”, destinada a um tratamento de todos os tipos de problemas, que se dirige a quem não pôde participar (durante a semana) dos encontros específicos.

Com a agenda da IURD detalhada pode-se perceber em geral a centralidade na figura do demônio como o foco ou “fonte de todo mal” que determina todos os problemas listados e apresentados. Segundo Macedo (2004), o bispo-supremo da Igreja Universal, os demônios que se apoderam dos que sofrem, dos desacreditados, podem ter diversos nomes. Os crentes endemoninhados podem apresentar diferentes sintomas conforme os tipos de encostos. Para cada tipo de problema, a saber, endividamentos, desemprego, briga de casal, enfermidades, morte de entes, um demônio travestido de nomes diversos.

### **3.1) Uma etnografia das reuniões na Catedral sede de Campos dos Goytacazes: “Para espantar todo o mal” – alojado, incrustado e indesejado**

As reuniões da Igreja Universal, sobretudo dirigidas ora por pastores ou pelo bispo da unidade em debate, concebe um tom de proselitismo ativo com contornos bem definidos: com base ou centralidade no drama (e “teatralidade”) que predomina na rotina dos encontros.

O pastor costuma dar a largada da reunião (seja de correntes ou de campanhas) com um hino que desperta um clima de afetividade e os adoradores respondem com palmas, batidas, ritmos. Todos falam, gritam, choram, clamam, gemem, suspiram.

Abre-se sempre pela voz do pastor (ou do bispo), que segundo Campos (2008) se localiza como o moderador entre membro e Deus, com rumorosos cantos e hinos de louvor logo seguido pelos espectadores (adoradores) que se erguem dedicados e empolgados em coro a fim de acompanhar o ritmo alegre do som coberto de euforia com palmas.

De repente o som se acaba (ou reduz o volume) e cita-se uma frase do evangelho como forma de pregar a palavra onde liga-se sempre a um problema objetivo (em geral trabalho, enfermidade, conflito) para justificar o trecho sagrado proferido, ditado, tomado das “escrituras”. Ora-se e apresenta-se um testemunho a fim de se conhecer um problema particular e saber como proceder para resolver:

“Eu sofri um acidente e tive que ficar em casa sem poder trabalhar. Tivemos dificuldades em casa sem poder sustentar a casa. Minha mulher não trabalha e tenho filhos crianças. Determinamos a minha melhora para poder voltar a trabalhar. O bispo fez um pedido para não deixar o diabo vencer e se apoderar de mim. Depositamos o pedido. Para eu resistir e determinar com fé, com garra. Hoje em nome de Jesus vencemos”.

A reunião sofre um ajuste ou quebra de ritmo onde o pastor ou o bispo a comandar muda o tom (e som) da voz e profere berros e gritos com o objetivo de despertar os presentes e alertar para um suposto “mal” que desestrutura a vida de todos que por algum motivo se fazem presentes na respectiva corrente, seja de prosperidade, busca, cura ou milagres.

Pede-se empenho de todos para as atividades e tarefas estabelecidas, determinadas e culpa-se o “mal” (ou encosto) pelo atraso, incapacidade, comodismo, infelicidade, pobreza. Declara-se guerra. Os “soldados de Cristo” se assanham prontos para combater.

Diz o pastor: entenderam? E todos respondem que sim com braços erguidos onde enfim fala-se das ofertas a Deus para obter uma vida bem sucedida, feliz, longe de todo mal que amarra os projetos de presente, de futuro e impede de prosperar, progredir.

Nota-se olhares atentos, concentrados, compenetrados, lançados para o pastor que simula sensatez, controle, acumula o carisma, o poder de curar,

libertar, tirar o encosto e liderar o rebanho obstinado para vencer e ser melhor na vida.

Nas reuniões da sexta-feira, por exemplo, recebe-se objetos (apetrechos) na entrada do templo “ungidos” e “benzidos” pelos pastores que se bem utilizados podem ser capazes de curar ou “restabelecer o sofredor aflito”. O pastor em toda a reunião diz como pode ser utilizado o objeto, de certo, o “manto”. Esfrega-se no corpo, em cima das dores ou das enfermidades, das vestes de parentes, dos documentos como identidade, carteira de trabalho, de namorados, com orgulho. Estica-se um grande manto de cor vermelha a começar do púlpito e terminar nas portas de entrada do templo onde todos enfileirados, comandados ficam cobertos para desfazer o mal, tirar o encosto capaz de gerar problemas, transtornos de toda natureza como enfermidades, desemprego, desesperos, conflitos.

Percebe-se um grande “frenesi grupal” que combina gritos, falas estranhas que se difundem com gestos contidos, choros recorrentes, risos, olhares deprimidos, alegres, vertiginosos, corporalidades, estados de êxtases, pulos, quedas repentinas, pedidos de senhor me ajuda, eu preciso de ti, eu te ordeno, toca em mim onde escuta-se com destaque os apelos do bispo a pregar do alto do púlpito e conduzir a reunião.

O pastor se ocupa de dirigir o drama que repercute em toda a reunião. Temos a cura encenada como uma batalha em que o pastor e um grupo de obreiros oram perto de quem manifesta o mal a fim de expulsar a “entidade” de certo modo alojada no corpo. Identifica-se uma cura corporificada. Segura-se o “endemoninhado”.

Como preconiza Mariz (1997), o primado do diabo nos cultos reforça a moral e crença em Deus e articula uma rede de significados e sentidos, capazes de estruturar discurso e linguagem. Estabelece uma ordem (ou “cosmos”) dotada de sentido, fornecido pelo ritual.

As reuniões efervescentes ou rituais coletivos simbolizam a dor, desordem, desespero. Os membros e freqüentadores em geral se sacrificam de modo a superar o sofrimento e escapar do “mal” que limita a felicidade. Investidos do

poder, do carisma ou virtude do Espírito Santo recuperam por instantes a esperança, confiança e paz.

Nos corredores transitam alertas os obreiros e pastores caracterizados com trajes brancos parecidos com jalecos que cobrem o corpo todo ocupados com os que de certo modo manifestam o mal (os endemoninhados atingidos pelo encosto jogado que se atribui a uma entidade sempre com um nome), que acabam carregados pelos braços e resistem, “desfigurados”, conduzidos para o púlpito onde o bispo opera de forma severa. O bispo pede para o suposto mal se retirar em gritos de: Sai! Sai! Sai! Sai! Em nome de Jesus! Eu ordeno!

Todos repetem o gesto duro com orgulho e retoma-se a normalidade, embora estejam todos ofegantes, perplexos. Solta o som. O bispo pede para acompanhar o hino de braços erguidos e em coro. Recoloca-se no lugar “alma” e “corpo” que ficaram dispersos. Segundo um pastor não são mais os seres humanos, que ficam desacordados, foras de si, mas trata-se de um encosto. O mal pode habitar um corpo que tiver desprotegido, sem Deus.

Interrompe-se o som para poder falar do dízimo – uma das “fontes de renda” da Igreja Universal. Enfatiza-se o dízimo como uma tarefa “sagrada”. Como regra, norma, formalidade. Os congregados se dirigem a frente do púlpito a fim de depositar o valor (o “voto”, o “pedido”) estipulado pelo pastor. A musicalidade dos hinos acompanha os adoradores no rumo.

As reuniões de terça e de sexta se configuram (ambas) como correntes da cura, embora terça seja a cruz de cor branca como objeto erguido, apetrecho contemplado no templo e sexta o manto vermelho estendido e utilizado para curar, restabelecer, “desamarrar”.

O domingo se traduz no dia do Espírito Santo que pode se manifestar sobre aqueles que concebem o carisma ou as virtudes. Nem todos podem ter o poder de manifestar o Espírito Santo segundo um pastor.

O pastor L. C. apresenta as correntes de forma bem resumida e discorre sobre cada uma com o objetivo de nos esclarecer:

Segunda feira: prosperidade; terça-feira: desafio da cruz, para desfazer todo mal, ajudar a pessoa que está sofrendo; quarta: busca do espírito santo, pra preencher porque em geral quando a pessoa vem terça-feira ela se esvazia, dentro dela fica vazio, aí pra ela preencher esse vazio ela tem que ir quarta-feira, ela descarrega todo o mal; quinta-feira: família; sexta: cura também(...)

Se o mal que foi feito, se o mal, o diabo, que saiu da vida dela voltar...porque aí quando ele sai de um corpo ele vai pra um lugar escuro...aí se ele voltar e encontrar o que? o coração, a vida dela de onde ele saiu vazia, ele volta com mais sete piores, aí o estado da pessoa fica pior do que estava. Se a pessoa estava com depressão, ela passa a ter vícios, ela passa a se suicidar, fica pior do que estava antes, aí por isso que é importante a reunião de quarta-feira, pra buscar, pra preencher o que? O Espírito Santo e buscar também a salvação(...)

Quinta-feira é só família, quinta-feira é pela família, pra salvar os familiares, porque existe espíritos familiares que atua na família botando o que? discussões, intrigas, é...lança algum mal contra os familiares, alguma família é vítima de invejas, aí tal, tal...tudo relacionado à família(...)

Reuniões principais é (sic) terça, quarta, sexta e domingo. Sexta-feira é do manto. A pessoa se cura de novo. É a cura também, mesma coisa de terça, mas só que muda a cruz pelo manto. Em vez de colocar a cruz, coloca o manto sexta-feira. Mas é da cura também(...)

Fora as correntes citadas pelo pastor, as reuniões da Igreja Universal concebem outras como: Nação dos 318 ou da prosperidade que ocorre todas as segundas-feiras, às 7:00hs, 10:00hs, 12:00hs, 15:00hs e sobretudo às 19:00hs. O blog da catedral de Campos dos Goytacazes define:

A Nação dos 318 é uma reunião com 318 pastores e obreiros, que, juntos, clamam a Deus pela prosperidade financeira de todos os presentes. No tempo dos Patriarcas Bíblicos, um homem chamado Abraão recebeu a notícia que seu sobrinho Ló havia sido seqüestrado por quatro reis muito poderosos, maus, vingativos. Levaram tudo, família, bens e até mesmo os empregados. Ao ouvir isso, Abraão resolveu enfrentar os inimigos. Ele tomou a decisão de levar 318 homens nascidos em sua própria casa, formados por ele, determinados a reconquistar sem medo tudo o que lhe fora roubado. Aconteceu que os que antes perseguiam passaram a ser perseguidos e derrotados. E assim, Abraão resgatou seu sobrinho Ló, sua família os bens e todos os seus empregados e teve assim êxito na sua jornada com os 318 valentes(...)

Agora a vítima é você. Sem crédito na praça, títulos protestados, nome no SPC, falência, dívidas, esses são os inimigos da sua vida e estão levando tudo. Mas como no tempo do Patriarca Abraão os 318 pastores estarão nesta mesma batalha espiritual para que você venha resgatar sua auto-estima, seu patrimônio, seu reconhecimento na sociedade, sua dignidade, sua prosperidade, enfim,

levando você a visão de um novo horizonte no aspecto de sua vida financeira e profissional(...)

O discurso da Igreja Universal da prosperidade econômica com base na Teologia da Prosperidade, conforme enfatiza Almeida (2008) diz que o desempregado tem que chegar a chefe como esclarece uma informante da unidade em testemunho:

“Eu fui empresária do ramo de confecções. Da noite para o dia perdi tudo e entrei em desespero. Um dia por sorte recebi um convite para participar de uma reunião na Catedral. Era uma segunda-feira. Ouvi a palestra e os depoimentos dos pastores. E decidi desafiar para melhorar na área financeira. Ia toda segunda na reunião dos 318 a tarde e às vezes a noite. Até que comecei a me recuperar. Reergui minha micro-empresa, comprei um carro e paguei minhas dívidas”(…).

Contudo, podemos listar outras correntes – como a da prosperidade acima enfatizada – a saber, a Terapia do Amor e das crianças que lidam com temas da ordem dos sentimentos afetivos, namoros, casamentos, da busca da felicidade no amor, da escola dos filhos e costumam acontecer em todos os sábados às 19 horas.

Todas as correntes logram atacar os problemas da vida objetiva como enfermidades, perda de entes queridos, desemprego, subemprego, infelicidade amorosa, crise conjugal, perdas de sentido, dores e fornecem respostas urgentes, encantadas e secularizadas, subjetivas e objetivas capazes de responder a todos. Geertz (1989) destila um argumento que esclarece (ilumina) o debate sobre os rituais de cura onde diz que os que aderem a uma cosmologia (incorporados a um ethos religioso) e praticam um ritual coletivo encontram solidez e sentido em tudo, de modo que, induzidos para fora dos limites objetivos, refletem de volta e identificam os fatos desnudados, claros, pelas lentes herdadas, compelidas.

Redes de significados se difundem nas reuniões da Igreja Universal e cimentam a subjetividade dos membros e freqüentadores onde articula-se ambigüidades como estrutura de discurso ou linguagem capazes de despertar atitudes em conformidade com um “ethos”. Os atormentados, desafortunados, perdedores, pobres, “acorrentados” precisam se equilibrar e alcançar a fortuna, prosperidade, felicidade, otimismo, bem estar, prazer, performance e

perfectibilidade. O orgulho de ser da Igreja Universal precisa predominar dado que os cultos da igreja tem o poder de “recuperar” o afligido e fornecer sentidos para superar os “riscos”, dramas e problemas urgentes que figuram de certa forma.

Igrejas como a Universal do ramo neopentecostal, que emergem no patamar de um capitalismo de recente “modus operandi” e dos desdobramentos da modernidade, concentram-se, segundo Gracino Júnior (2008), em fornecer respostas para os problemas pelo cultivo do “self”, do individual, onde incita um mergulho no individualismo em plena modernidade radicalizada<sup>22</sup>.

#### **4) Projeto de poder global e local da Igreja Universal: um personagem na igreja e na política – a presença de “Cristo” na política**

A Igreja Universal tem sido bem sucedida nas diferentes frentes que penetra, se insere. Tem procurado legitimidade em outras esferas como a não-religiosa e ocupado outras atividades a fim de escapar da imagem arranhada, desgastada. Os arranjos operados em esferas não-religiosas como a atividade política (investidas de atributos religiosos) tem sido o grande “jogo” da igreja.

Uma dezena de estudos tem tomado como enfoque as costuras de grupos religiosos como os pentecostais com a política institucional no Brasil. Trabalhos produzidos por Oro (2003), Machado (2006), Giumbelli (2003), mobilizam a abordagem sobre pentecostalismo e política. Um dos grupos que tem aparecido em grande medida, a Igreja Universal, ocupa um lugar de destaque como um personagem político-religioso.

A Igreja Universal tem tido a grande habilidade de se articular e se adaptar a arenas públicas, abertas de disputas sempre logradas como “pecaminosas” e “contaminadoras” dos valores e da moralidade pelos pentecostais, sobretudo de primeira onda como a atividade política – embora hoje se comportem de forma diferente.

---

<sup>22</sup> Tomado de Giddens (1991).

Se afasta do apolitismo de modo a escapar dos parâmetros desgastados dos pentecostais de primeira e segunda onda como enfatiza Freston (1993) no fim dos anos 70 onde se origina (e se afirma) como ramo do neopentecostalismo, produto recente dos Novos Movimentos Religiosos (NMRs).

Pode-se dizer que a Igreja Universal tem utilizado o poder institucional e carisma para obter capital político e canal como afirma Oro (2003) a fim de invadir a arena política no Brasil como um todo onde se apresenta como alternativa capaz de “gerir” a ordem social e moral. Transita pela democracia moderna de forma segura, embora atingida por suspeitas, pela liberdade religiosa. Estabelece ou opera arranjos com o Estado, segundo Giumbelli (2003), que permite-lhe obter aliados políticos e recursos para os atos sociais, religiosos.

A largada para a vida política da igreja tem origem conforme afirma Oro (2003) em 1986 onde elege um deputado federal para os trabalhos na Câmara que terminam com a carta constitucional de 1988 – que com certeza contempla a Igreja Universal dado que formaliza a pluralidade e diversidade religiosa como norma que rege no dispositivo legal.

Em 1990 elege nove parlamentares, a saber, 3 para a Câmara federal e 6 para os Estados. Em 1994<sup>23</sup> multiplica a bancada, se consolida no campo político onde cede uma figura para um cargo do governo do Estado do Rio de Janeiro (a pasta do Trabalho) e apresenta um candidato para o senado que termina com 500 mil votos, segundo Freston (2000).

Em 1998 elege 17 deputados federais e em 2000 a Igreja Universal elege dezenas de vereadores em todos os Estados. Em 2002 16 deputados orgânicos com a igreja se elegem (3 não orgânicos que de certo modo respondem pela igreja) e Marcelo Crivella (bispo da Igreja Universal) se elege senador do Rio de Janeiro com 3.235.570 votos pelo PL (Partido Liberal) ferramenta política utilizada

---

<sup>23</sup> A pesquisa “Novo Nascimento” sobre a disputa de 1994 indica que, no cruzamento entre eleitores e candidatos ligados a determinadas igrejas, 95% dos seguidores da Igreja Universal votaram em candidatos do respectivo culto religioso. Entre os partidos os evangélicos foram responsáveis por 60% dos votos do PP (Partido Progressista) – ex-PPB e PR (Partido Republicano) configuração da fusão entre PL e PRONA, tática para amenizar o mal exemplo em que foi submetido com os escândalos que se sucederam – e 49% dos votos do PFL (Partido da Frente Liberal) – hoje Democratas, sob a sigla (DEM), mas com a mesma linha conservadora.

em larga medida pelas figuras da IURD e supera políticos de destaque como Brizola.

O partido em geral ocupado pela Igreja Universal (o PL) cede em 2002 o vice para a chapa do PT (Partido dos Trabalhadores) de Lula – apesar de não ser ligado a igreja – que se elege presidente do Brasil. O PL, abrigo de grande parte dos deputados ligados a Igreja Universal, conforma a base do governo federal com outros partidos.

Contudo, no fim do governo Lula, sobretudo em 2005, os escândalos (de pagamentos de propinas a deputados da base) se sucedem, repercutem e atingem deputados do PL ligados a Igreja Universal como o Bispo Rodrigues (um dos fundadores da IURD com Edir Macedo) que se afastam como figuras articuladoras.

Para amenizar os escândalos que mancharam a imagem de figuras ligadas à igreja, a Universal articula organizar outro partido para enfim abrigar todos: bispos, pastores e candidatos “profanos”, de linhas políticas globais, abrangentes.

Como não pode operar como igreja em si – embora se comporte como “partido” que controla um poderoso canal de TV, uma das janelas onde se projeta – na política pelos limites estabelecidos, reconhecidos em forma de lei a partir da “laicidade” do Estado operada, que no Brasil, segundo Giumbelli (2008) tem origem com a engrenagem republicana, onde Estado e igrejas se “separam”, se autonomizam, aposta em um partido para ser braço político formal, legal da igreja.

Entretanto, o projeto de poder em curso se consolida, agora com partido próprio, o PRB (Partido Republicano Brasileiro), que chega a se chamar PMR (Partido Municipalista Renovador) em 2003, gerado por figuras públicas da igreja como o bispo e senador Marcelo Crivella (e pelo vice-presidente da república José Alencar, embora não faça parte da IURD), com o esforço dos membros e freqüentadores da igreja em todo o Brasil que se empenharam a fim de obter o registro legal<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> Com o bom desempenho dos pastores na corrida de 2002, lideranças da IURD optaram por criar um novo partido. Eles elegeram uma bancada de 21 deputados federais e um senador: Marcelo Crivella, do Rio de Janeiro. Mas os problemas logo apareceram. O envolvimento de parlamentares ligados à Igreja Universal em 2 escândalos – a venda de apoio ao governo no caso do mensalão e

Com os integrantes da igreja mobilizados nas portas dos templos e nas ruas, o registro acaba obtido logo, logo, a saber, em apenas 4 ou 5 meses com mais de 400 mil assinaturas recolhidas nos Estados. O PRB se afirma como um partido jovem e recebe diversas figuras como o intelectual Mangabeira Unger (que logo se desliga) – e permanece no segundo governo Lula com o vice José Alencar e Crivella no senado.

Para entendermos a ofensiva da Igreja Universal na política em geral (e local), acompanhamos as atividades de um parlamentar e presidente do PRB em Campos dos Goytacazes (bispo afastado em virtude dos respectivos mandatos parlamentares, um deles de deputado federal) onde geramos longas e produtivas entrevistas registradas no gabinete do político ligado a igreja, com o objetivo de identificar de certo modo os alinhamentos ou entrecruzamentos entre as agendas religiosas difundidas pela IURD e legislativas, políticas defendidas pelo parlamentar, como porta voz, ou seja, as interfaces da igreja com a política. A Igreja Universal como ator ou personagem político.

Trata-se de um bispo (afastado, mas que permanece a freqüentar os cultos e grandes atividades da igreja – o vi diversas vezes na igreja, inclusive no púlpito a comandar o rebanho) orgânico na política e no PRB e com trânsito na vida pública de Campos dos Goytacazes e do Estado do Rio na medida que teve mandato de deputado federal entre 2003 e 2007 pelo PMDB. Presidente do PRB de Campos dos Goytacazes e vice-presidente do PRB no Estado do Rio de Janeiro. O informante conta como se lança para a vida política:

(...) me converti na Igreja da qual faço parte, a Igreja Universal do Reino de Deus, mas mesmo depois de ter sido nomeado Pastor, eu sempre cuidei dos trabalhos sociais, sempre procurando me voltar muito para os trabalhos sociais. Depois eu tive a oportunidade, já depois de 18 anos já de Igreja mais ou menos, de estar juntamente com o Senador Marcelo Crivella trabalhando na construção da Fazenda Canaã, o Projeto Nordeste na Bahia (...)

---

o desvio de verbas destinadas à compra de ambulâncias no caso conhecido como escândalo das sanguessugas – atingiu a bancada na eleição de 2006. Nenhum dos pastores da Universal conseguiu se reeleger. Mesmo tendo o vice-presidente José Alencar como filiado, o PRB só elegeu um deputado federal, o bispo Léo Vivas (RJ). Outros três candidatos da Universal foram eleitos por partidos diferentes.

(...) Então, chegou um momento assim, que o povo evangélico começou a precisar de representatividade no âmbito político também, principalmente na Câmara Federal e foi nesse momento em que eu fui solicitado, fui solicitado para estar representando uma parte do povo evangélico, fui convidado para isso, muitos amigos me convidavam, eu resistia, não queria no começo, queria me dedicar apenas, integralmente, no altar, fazendo o trabalho de pastor, mas aí chegou uma hora que o apelo foi muito forte que eu resolvi, resolvi também trabalhar para ter o mandato, foi em 2002, na eleição de 2002, que teve eleição para Senador, Governador, Presidência e Deputados federais e estaduais, foi naquela eleição que me elegi, para deputado federal pela primeira vez, sem ter sido nem vereador ainda (...)

(...) Então o Senador Crivella me convidou para fazer uma dobradinha comigo, ele viria de Senador, mas me ajudando também para Deputado Federal e, fizemos a parceria de trabalho e, me elegi juntamente com ele também (...). E essa aliança foi mantida até hoje (...).



O candidato de Campos em dobradinha com Crivella

O ex-bispo tinha sido lançado candidato a deputado pelo Estado do Rio de Janeiro e aproveitamos para acompanhar a campanha sobretudo em Campos dos Goytacazes, base do político. Fomos a atividades de campanha, visitamos a sede do partido (o PRB da cidade) e comitês de campanha. Fomos a diversas atividades com a presença do “bispo-político”, seja na Câmara Municipal onde registramos as falas do político, em encontros de campanha tidos no Comitê do partido ou da igreja nos templos. Cabe destacar que o Comitê de campanha aberto na corrida de 2010, bem como a sede do PRB na cidade se localizam nos entornos da Catedral sede da IURD de Campos dos Goytacazes.

Como dirigimos um estudo de caso em 2 unidades da Igreja Universal na cidade, fizemos um esforço de notar como os debates políticos repercutiram em ambos os templos: a saber, a Catedral sede do Centro, o templo da Alberto Lamego.

Percebemos uma campanha aberta e vigorosa na Catedral onde na porta da igreja observamos placas colocadas, erguidas, adesivos colados e panfletos sendo entregues com grande volume. Vimos caminhadas (corpo-a-corpo) com Crivella pelas ruas da cidade. Falas tendenciosas proferidas por bispos e pastores em atividades da igreja como: “temos que votar em candidatos comprometidos com a obra de Deus” e freqüentes elogios a Crivella. Por outro lado observamos no templo da Avenida Alberto Lamego uma campanha bem discreta, embora conseguimos identificar placas dos candidatos do PRB (como o ex-bispo da IURD de Campos dos Goytacazes e Crivella sepre na dobradinha) em terrenos e moradias perto do templo e freqüentadores mobilizados na campanha. Contudo, notamos a Catedral pela localidade (Centro da cidade) e perto da sede do PRB e do comitê como a “base” geradora e mobilizadora da campanha política.

Cabe lembrar, segundo Machado (2006) que quanto mais estreitos forem os laços com a hierarquia, maior pode ser a fidelidade dos legisladores com os interesses da igreja. Ou seja, a possibilidade de alinhamento do comportamento político de um bispo ou pastor com os interesses corporativos da igreja supera a de um simples aliado conjuntural. Por isso a Igreja Universal tem preferido submeter bispos e pastores a candidaturas.

Acompanhamos os encontros locais e estaduais do partido, de mulheres, o grupo jovem destinado a formar lideranças (PRB jovem), as atividades com o senador Marcelo Crivella (sempre bem recebido e votado em Campos dos Goytacazes) que mobiliza todo o partido e toda a igreja, lemos o programa e estatuto do partido, as diretrizes, discursos, o endereço eletrônico PRB 10 no ar – acompanhamos e depositamos grandes expectativas sobre a propaganda eleitoral para 2010, onde o parlamentar (pesquisado) foi candidato a deputado estadual (e obteve 5.248 votos) e Crivella em luta acirrada contra Jorge Picciani do PMDB teve garantido um lugar no senado em segundo – com 3.332.621 votos.



Placa de Crivella em frente a um templo em Campo Grande-Rio de Janeiro



Campanha de Crivella em frente a Catedral da Fé de Campos

Levantamos em 2010 (e atualizamos) a representatividade do partido no Estado do Rio de Janeiro composto por 1 senador, 2 deputados federais (acabaram de eleger um deputado para a Câmara), 1 deputado estadual (elegeram 2 para a ALERJ) 1 prefeito e 38 vereadores em diversas cidades do Estado como Campos dos Goytacazes, Macaé, Quissamã, Conceição de Macabu, Carapebus, todos no Norte Fluminense, grande parte de bispos e pastores da Igreja Universal. Bem significativo para um partido “jovem” com apenas 5 anos na cena e arena política – e que se apresenta para a segunda disputa eleitoral.

Descobrimos, por exemplo, que o presidente nacional do partido (natural do Estado do Rio de Janeiro) ex-diretor da Rede Record de TV, pastor e bispo da IURD, acaba de se eleger deputado federal pelo Rio de Janeiro na corrida de 2010 (com 157.528 votos) e teve como cabos eleitorais conhecidos bispos da igreja como o “supremo” Edir Macedo e Romualdo (bispo do Rio de Janeiro) que fizeram um programa dedicado a pedir votos para o respectivo candidato.



Edir Macedo na propaganda eleitoral de Vitor Paulo



Bispo Romualdo do Rio de Janeiro na propaganda de Vitor Paulo

A Igreja Universal tem mobilizado todos os aparatos e aparelhos com o objetivo claro de consolidar um projeto de poder que inclui a atividade política no bojo, no pacote. Tem se afirmado como um personagem na igreja e na política, espaços nem sempre estabelecidos por fronteiras definidas, bem delimitadas, mas, de certo modo, fluidas, fragilizadas, borradas, tingidas.

O informante político da igreja, por exemplo, diz ter tirado o prefixo de bispo do nome político a pedido da igreja ou por uma atitude de “bom senso”, embora diga que nem sempre foi assim:

(...) Depois que eu tomei esta iniciativa de não estar utilizando a nomenclatura de Bispo, *né?* A própria igreja entendeu que todos aqueles que são Bispos da igreja, *né?* Ou Pastores da igreja, que são é... Convidados a estarem na política, ou por decisão própria vão se dedicar à política, eles são licenciados, *né?* Licenciados daquele cargo na igreja, para desempenharem seu mandato, *né?* Livre, *né?* Sem nenhum tipo de vínculo, *né?* Vínculo, *tá?* Com o trabalho da igreja, prá que haja realmente uma separação, uma separação do trabalho da igreja, do trabalho religioso, do trabalho político também, *né?* Mas continuo membro e frequentando a igreja (...).

Logo à frente na entrevista concedida completa e confirma a presença dos bispos e pastores da Igreja Universal orgânicos na atividade política:

(...) Mas isso sempre foi assim. Durante um tempo não, no começo não. No começo, os candidatos que eram membros da igreja e tinham cargo de Pastor ou de Bispo, entendeu? Eles continuavam, continuavam até usando, *né?* É... Essa nomenclatura, esse título, o título de Bispo Fulano de tal... Existia isso ainda... Mas depois de uns tempos prá cá é que a igreja tomou essa medida de não permitir mais que fosse utilizado o nome de Bispo, *né?* O título de Bispo ou de Pastor, *né?* É... Quando estivéssemos atuando na política, *né?*

Pode-se dizer que a Igreja Universal tem mobilizado todas as energias e aparatos a fim de explorar o par Igreja e Estado no Brasil, como preconiza Giumbelli (2003), para atender as demandas de um grupo. Todos os bispos da igreja têm legitimado e reconhecido a atividade política como uma frente a se ocupar.

Edir Macedo no livro “Plano de poder – Deus, os cristãos e a política”, afirma que Deus tem um grande projeto de nação elaborado por ele mesmo e que é nossa responsabilidade apresentá-lo e colocá-lo em prática.

## **5) Igreja Universal e ordem social: “entre imagem e semelhança”**

A Igreja Universal do Reino de Deus como adverte Almeida (2009), em etnografia detalhada (hoje livro), precisa ser tomada como um pilar ou paradigma (entre outros cultos) dos (re)arranjos vigorosos operados e das costuras no campo religioso brasileiro a partir dos anos 70.

A rigidez dos costumes (como trajes, comportamentos) caducam-se e atrofiam-se em face da plasticidade, fluidez e flexibilidade com que se projeta conforme os estilos e modos de vida erigidos na ordem social desenhada pelo capitalismo (em fase recente) – no tempo de enfraquecimento do Estado de Bem Estar e advento do neoliberalismo, monopolismo que se estabelece e se capilariza (banaliza, rotiniza, complexifica) – que tem a capacidade de uniformizar, padronizar e gerar transtornos (contrastes) perenes.

O destino da Igreja Universal tem sido em grande medida os centros urbanos (como se pode observar), metropolitanos (como Rio de Janeiro de onde emerge e se difunde e São Paulo – ou cidades dos Estados Unidos, dos continentes latino americano, africano), sedes cosmopolitas onde se refletem e se desenvolvem modos e estilos de vida globalizados, valores burgueses, nivelados pela “economia do dinheiro” – termo tomado de Simmel (1997) – como o trabalho partilhado, otimizado, dividido, a cultura do consumo difundida, os imperativos da felicidade. Conforme diz Simmel (1997), os centros metropolitanos ensejam a capacidade de absorver a diversidade, pluralidade e multiplicidade dos serviços, por exemplo, e canalizam a divisão do trabalho.

A economia do dinheiro em reciprocidade freqüente e permanente com a mentalidade intelectual içada, de acordo com Simmel (1997), tem nivelado como um denominador comum os ritmos e dinâmicas dos grandes “nichos” urbanos. Imprime estilos e modos de vida e tem aguçado e agitado a subjetividade, atitudes, estados de ânimos incapazes de resistir a um esquema que flui da economia do dinheiro que de certo modo se generaliza e gera contrastes, aridez e agruras.

O ritmo dos modos de vida metropolitanos tem estimulado antipatias, estados de indiferenças latentes, onde certos estratos têm figurado como anônimos, ocultos, desalmados, frios, em virtude de uma dinâmica de permanente fluidez que efetiva distâncias e antagonismos perenes. Reflete uma forma universal que confere uma certa “liberdade”, individualidade, mobilidade. Ou seja, emerge a “invisibilidade” onde naturaliza-se e universaliza-se a “descartabilidade” a partir dos imperativos de mercado.

Para Weber (2009), a ordem capitalista se difunde como um “grande cosmos”, gerador de modalidades de “condutas”, atitudes e “virtudes”, presas nas “redes do mercado”. Claro que um “ethos capitalista” que se formula não desabrocha, segundo Weber (2009), como flor e sem reservas. Teve de travar um duro combate contra um universo de forças hostis (“velhas muralhas”) a fim de se encravar como uma crosta onde são gerados e desenvolvidos “impulsos aquisitivos”, mensurados conforme a escala do desenvolvimento ocidental. O racionalismo econômico.

No Brasil, o campo religioso enfrenta um radical deslocamento de modo a se dismantelar, sobretudo a partir dos anos de 1970, em face do fenômeno urbano em curso que redefine, reconfigura e altera a paisagem e dinâmica institucional em geral, econômica, social e cultural das cidades de Norte a Sul, com ênfase em São Paulo e no Rio de Janeiro<sup>25</sup>. De acordo com o IBGE, em termos de demografia urbana, por exemplo, temos para todos os efeitos: 31% em 1940, 56% em 70 e 80% em 2000.

Observa-se uma ofensiva dos cultos pentecostais que se ramificam, se multiplicam e se espalham pelo tecido urbano – embora sejam minorias no geral. Novos rumos são tomados e trilhados pelo campo religioso brasileiro que implica na pluralidade, deslocamentos e mobilidades. A Igreja Universal se estabelece como produto e resultado dos desdobramentos, articulado a recente dinâmica

---

<sup>25</sup> Os efeitos do fenômeno urbano foram motivados, sobretudo por três fatores: pela industrialização que atrai e absorve trabalhadores do campo em busca de melhores empregos, pela expulsão da mão-de-obra do campo gerada, entre outros aspectos, pela implantação de culturas que passavam a utilizar a crescente mecanização; crises que mergulhavam a população moradora do campo na pobreza, a forçando a se deslocar para os centros urbanos, etc. (FRY, 1975; PROENÇA, 2006).

edificada no Brasil a partir de um racionalismo importado, produzido no Atlântico Norte, como diz Torres (2007) e aplicado a uma cultura singular.

Percebe-se a partir do fim dos anos 70, com o panorama que se abre em virtude do dinamismo urbano nas grandes cidades brasileiras (em particular no Sudeste), um novo paradigma religioso – antes hegemônico com larga vantagem pelo catolicismo – operado pelos grupos pentecostais e neopentecostais como a Igreja Universal.

Como indica Almeida (2009) a perda da hegemonia do catolicismo foi em grande medida observada nos centros urbanos e em frentes em que se identificam grandes êxodos e fluxos e porventura são localidades onde, sobretudo os grupos pentecostais mais se enraizaram e tiveram erguidos diversos lugares de culto. Apesar da origem dos cultos pentecostais no Brasil se remeter de certa forma a Região Norte onde foi implantado o segundo templo em 1911<sup>26</sup> (a Assembléia de Deus) pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, segundo Mafra (2001), que por sinal não despontaram no Brasil pelos tradicionais portos de Rio de Janeiro-RJ e Santos-SP, mas por Belém do Pará, pode-se dizer que foi a partir dos anos 70, 80 e 90 que o modelo religioso prospera e se pulveriza em face dos grandes centros urbanos metropolitanos.

Segundo Weber (2002), o cristianismo foi estabelecido como uma doutrina de grupos itinerantes que se credenciaram em lugares urbanos e acima de tudo inflado de civismo. Cidades do ocidente se tornaram palcos difusores do cristianismo que se aplica a seitas protestantes a partir da Reforma, do Pietismo e do Metodismo.

No entanto, cabe marcar que o espaço urbano, embora seja hoje onde se proliferam em larga medida os grupos pentecostais e neopentecostais, abriga e engloba diversas alternativas de tendências e vertentes religiosas que se multiplicam, se reverberam e ocupam universos semelhantes: ruas, avenidas,

---

<sup>26</sup> Segundo Mafra (2001) e Almeida (2009), a Congregação Cristã do Brasil trata-se da primeira igreja pentecostal a aportar em solo brasileiro. Embora tenha sido um cisma, em 1910 aqui chega o imigrante italiano Luigi Francescon, que traz o pentecostalismo dos Estados Unidos, depois de ter sido um dos fundadores da Igreja Presbiteriana em Chicago. Em São Paulo Francescon prega a mensagem pentecostal na Igreja Presbiteriana do Brás (vindo do Sul) e conquista um grupo de seguidores, que fundam a Congregação Cristã do Brasil.

centros comerciais, praças, etc. As ofertas do chamado “mercado religioso” – termo empregado por Berger e de forma corrente por Mariano (2005) – pulsa e se difunde nas cidades brasileiras em face de uma dinâmica ordenada no trânsito e sincretismo, componentes que incrementam a (emergente) identidade religiosa que se estabelece, içada na figura do peregrino e do convertido como afirma Hervieu-Léger (2008).

Cabe marcar que a presença de igrejas e ofertas diversas não fica reduzida de certo modo a uma paisagem ou ecologia urbana, a imperativos estruturais-sociais. Trata-se em certa medida de um espaço de dinâmica, compartilhamento e pluralidade. Os lugares de culto tem se inserido no espaço urbano transformado pelo capitalismo em curso.

O dinamismo urbano das cidades tem permitido diversidade, mobilidade, deslocamentos, compartilhamentos – embora tenhamos disputas, apelos, proselitismos, antagonismos que extrapolam certas vezes graus seguros de diplomacia e, sobretudo conflitos erigidos, declarados em face do que Bourdieu (2007) chama de campo – campo de força onde lutas são agravadas. Não que seja como tem sido dito em geral: uma “guerra santa” belicosa e ardente, como no Islamismo.

Ademais, a Igreja Universal tem se configurado como um modelo da cidade e para a cidade, onde tem sido conformada e que por outro lado a conforma. Como uma “trincheira segura” perante os perigos, inseguranças, turbulências e incertezas que emergem da vida metropolitana “fria”, “desalmada”, como diz Simmel (1997). Ostenta lugares de culto semelhantes a fortalezas imponentes, enclaves fortificados, sinal e imagem de prosperidade, empreendedorismo, prestígio. Um abrigo moral e social.

Tem Catedrais (onde circulam fortunas arrecadadas) que contratam inclusive serviços de seguranças e sistemas de câmeras que monitoram tudo, empregam telefonistas, atendentes, todos remunerados e uniformizados. Estacionamentos subterrâneos para os carros dos membros, creches destinadas a receber crianças, com o objetivo de liberar as mães para participarem dos cultos “efervescentes”, oferece-se em determinados templos, por outro lado, cursos

profissionalizantes a fim de capacitar o congregado para ser inserido no mercado de trabalho, etc.

Os laços sociais fragilizados, efetivados pelos modos de vida erigidos nos ritmos velozes, tem sido “dirimidos” em certa medida na Igreja Universal a partir dos discursos e narrativas em afinidades com a ordem efetiva – a capitalista. A igreja tem desempenhado um papel de fornecer de respostas, como se pode observar, um “ponto de luz” (que se acende e se apaga com rapidez), que conduz uma certa totalidade dispersa, movediça, afetada pela “morbidade” (em geral) produzida em algum grau pela cidade capitalista moderna, travestida de diabo, de crenças do dia-a-dia, de “ideologia”. Apaga diferenças e padroniza comportamentos com base em elementos subjetivos e objetivos.

Em lugar e no lugar da comunidade, aparece, segundo Geertz (2006) a rede de Simmel, difusa e abstrata em termos religiosos. Um tipo de vínculo religioso que não tem um centro familiar permanente (comunidade moral, unidade intensiva). Religiosidades fluidas, onde predominam laços difusos, fracos. Centros de ajuda que fornece os “primeiros socorros espirituais”.

De forma freqüente, na rotina da igreja, bispos, pastores afirmam o tempo todo que para Deus não têm fracos, nem derrotados, apesar dos laços dispersos. A figura de Deus encarna o onipotente, supremo, capaz de entusiasmar todos do outro lado do púlpito em prece e êxtase coletivos.

R. , freqüentador ativo da Igreja Universal em Campos dos Goytacazes em testemunho como registramos em dia de reunião da Nação dos 318 diz:

(...) tinha os caminhos “amarrados”: “não tinha prosperado no negócio próprio, vendas limitadas, sem retorno. Minha vida foi parar no buraco. Mas não perdi o foco e minha vitória foi determinada por Deus na medida em que o pastor fez um pedido para eu levar minha dívida. Eu estive desprotegido, iludido com santos. Minhas portas financeiras foram abertas na vigília da virada e total na catedral e no dia do desmanche. Hoje tudo tem dado certo na minha vida financeira onde o negócio tem prosperado, não paro de vender, arranjei fornecedor consignado porque tenho tido grandes pedidos”.

Orientados pela Teologia da Prosperidade<sup>27</sup>, perto do que Berger classifica de “teologia secular” ou como diz Birman (2001) um tipo de capital social e moral acumulado que se converte em diferentes atributos positivos, entre eles o da riqueza econômica, os cultos neopentecostais redefiniram prioridades em conformidade com valores materialistas, contornos pragmatistas, imediatistas e de certo modo “utilitaristas”, termo tomado por Mill (2007), teoria econômica que pode ser aplicada a credos, por exemplo, como foco moral da busca da felicidade, prazer e ausência de dor.

Weber (2006) afirma ser o enredo de todas as “preces” normais – e inclui grupos religiosos voltados em grande medida para o universo celeste – o de evitar o “mal” aparente “deste mundo” e atrair vantagem aparente “deste mundo”.

Percebe-se que o capitalismo em recente fase (roupagem) e operado na periferia como o Brasil tem sido justificado por fenômenos culturais, segundo Torres (2007), como os cultos neopentecostais, por exemplo, que se estabelecem como “pregadores” dos estilos e modos de vida onde hierarquias sociais acabam legitimadas (apaziguadas) e que tem como resultado a competitividade individual no mercado, a ideologia da flexibilidade, da adaptabilidade a projetos fugazes e efêmeros, redes de mobilidade, desprendimento, descartabilidade.

Todos atributos e preceitos valorizados no regime capitalista que produz uma ideologia difusa, conforme afirma Torres (2007), que nos impede de perceber a “opacidade” da desigualdade que rege, viceja.

O regime se configura como referência para condutas de vida, onde o capitalismo como “lobo na pele de cordeiro” tem engajado as classes, que acabam motivadas (seduzidas) a aderir, com os estilos e modos produzidos (institucionalizados), justificado hierarquias em face dos imperativos do mercado e

---

<sup>27</sup> Trata-se de uma teologia de origem Norte-Americana, formulada um tempo depois da “Grande Depressão” dos anos 1930, que enfatiza, segundo palavras do Bispo Edir Macedo (1993), “que ser cristão significa ser filho de Deus e co-herdeiro de Jesus; dono, por herança, de tudo que temos na face da terra”. Desgraça e pobreza são atributos do diabo. Segundo Mariano (2005), a Teologia da Prosperidade tem como origem os Estados Unidos dos anos 40, mas apenas se estabelece como movimento doutrinário no decorrer dos anos 70, onde encontra guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquire visibilidade e se difunde para outras correntes cristãs, sob a liderança de Keneeth Hagin.

se legitimado em fenômenos culturais, como os cultos neopentecostais – entre outros.

O fato de aceitar e conceber Jesus no cotidiano dos cultos e nos programas da IURD significa se dar bem na vida objetiva, aqui e agora em vez de adiar para o futuro celeste, procrastinar (como no ascetismo frugal do puritanismo), o que lhe confere um traço “hedonista” da felicidade plena, terrena.

A “cosmologia” que tem agido sobre a conduta de vida e atitudes dos que aderem e perseguem os cultos e rituais, parece oferecer de certo modo uma facilidade de intervenção nos pequenos dramas ou problemas do cotidiano. Deus tem sido solicitado o tempo todo (todos em alerta), em todas as atividades e problemas da vida: trabalho, vida afetiva, lazer, enfermidades.

Segundo Mesquita (2007), observa-se que a Teologia da Prosperidade, na medida em que valoriza uma vida bem sucedida em termos materiais, morais, afirma que Deus quer que o pobre lute por uma vida melhor no presente e prospere. Que se sacrifique, porque o fracasso (pobreza) se reserva à ingerência do diabo na vida de quem sofre.

Pode-se dizer que a Igreja Universal tem se inserido no recente panorama e universo, adotado e difundido valores de acordo com os preceitos da ordem social e cultural a partir de um modo bem dinâmico e fluido do que Weber (2002) chama de “racionalismo prático (impulsos e elementos diretivos da conduta) e de adaptabilidade” – sem cometer generalidades – e Hervieu Léger (1997) aborda como “deslocamentos”, “fluxos” e “mobilidades” no que tange a se ajustar conforme arranjos que modificam e reconfiguram a estrutura social e econômica em tempos e lugares.

Embora seja a igreja um fenômeno tradicional presente na modernidade, a linhagem transmitida e herdada não implica em fator permanente de estabilidade.

O dispositivo tradicional que conserva a igreja, a legitima (a afirma) como um absoluto (moral), supremo, que se desloca e se mobiliza em face do moderno e faz com que se experimente reformas no campo religioso em crise (afetado por “surtos”) com a linhagem que gera instabilidade e busca mobilidade e adaptabilidade como bem preconiza Hervieu Léger (2000).

O imperativo da mobilidade tem sido ativado e içado a figura do “peregrino”, emblema e produto recente que se adapta (com envergadura, desenvoltura) conforme uma identidade ou oferta adequada.

Na Igreja Universal, como bem observamos, identificamos, nos testemunhos e na fala dos pastores, que predomina um modo de “rotatividade” onde uma parte dos membros se afastam (segundo um pastor provedor de falas, a medida que alcançam os objetivos, resultados, desejos) e retornam (a medida que falham).

A Igreja Universal trata-se de uma igreja reformada, (neo)pentecostalizada, modernizada, atualizada e redefinida a partir de uma teologia em conformidade com crises e com a ordem (da prosperidade, produtividade, competitividade, com a dinâmica dos nichos urbanos e agendas globais) e por outro lado preserva de certo modo uma atitude de cultivo de heranças como da leitura bíblica (dos testamentos e estatutos orados e adorados, sem imagem), por exemplo, onde se combina tradicional e moderno.

Berger (1973), por exemplo, mobiliza o prefixo “neo” (contido na corrente que engloba a IURD) como “ajustagem” intelectual (em termos da teologia) dos limites tradicionais.

O “sobrenatural”, tido como componente morto, desprezado pela sociologia e enfrentado como o “outro lado” – e de certo modo com sentido – pode “comparecer” segundo Berger (1973) talvez como “rumor”, sinal ou como pano de fundo da vida objetiva.

Para Weber (2006) pode aparecer disfarçado (travestido) no “carisma” de lideranças revestidas pela “majestade” de qualidades excepcionais como sacerdotes, feiticeiros e de quem tiver a capacidade de herdar “poderes extraterrenos”, exclusivos. O carisma se rotiniza.

Ainda com Berger (1973), o sobrenatural se legitima como (no) dispositivo tradicional o que te permite mover-se, ser reconhecido por ter sido partilhado na vida social de tempos em tempos e de acordo com a ordem que tem se alterado (modificado) – e que tem deslocado o “sagrado” e não o ceifado de vez. O

sobrenatural, como delibera Berger (1973), pode permanecer perene, a pulsar, sem perecer e se “encravar” na cultura secular e operar.

Tem-se percebido, conforme Berger (1973), uma certa tendência do modelo protestante, por exemplo, a se acomodar em face de uma dinâmica moderna a partir das crises enfrentadas por ambos os lados, o que o autor chama de “ajustagem”, a saber, que o culto protestante foi o primeiro modelo a se ajustar nos marcos de uma ordem objetiva, abrindo os diques conservadores limitados à margem.

O neopentecostalismo que engloba a Igreja Universal, por exemplo, se projeta como resultado de crises que se sucedem e sugerem rompimentos, remodelamentos, projetos que se redefinem.

Para Berger (2001), cultos como os protestantes pentecostais, tem estimulado (fermentado) uma conduta de vida em face de um capitalismo emergente e dinâmico perto do que Weber reduz e “tipifica” (com reservas) a “afinidades eletivas”.<sup>28</sup>

Berger (2001) enfatiza que os cultos pentecostais têm justificado e legitimado as regras, os modos e estilos de vida difundidos. O fenômeno religioso se configura como um produto ou resultado das particularidades modernas presentes no capitalismo propagado na periferia, terreno em que os cultos pentecostais têm sido bem sucedidos e se difundido com destaque (americano, africano).

A Igreja Universal, por seu turno, tem se planejado e girado os equipamentos e aparatos a fim de difundir um projeto global (e se fundir no projeto) sem se esquecer de responder a dramas e problemas de ordem local e moral. Tem se atualizado: evangelizado e liberado, adotado um discurso em conformidade com os modos e estilos de vida dominantes com o objetivo de

---

<sup>28</sup> Segundo Weber, vertentes protestantes criaram de certo modo um estilo de vida, um “ethos” ou conduta laboral e austera que teria uma afinidade eletiva (que combina) com o modelo capitalista. Para Weber, apesar de o capitalismo ter sido difundido e universalizado, não quer dizer que a racionalidade econômica tenha sido generalizada. O termo tomado por Weber das ciências naturais foi utilizado nas ciências sociais como um tipo no sentido figurado. Ver: “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”. Edição de Antônio Flávio Pierucci, Companhia das Letras, 2009.

“espantar o mal”, que não desaparece, apenas escapa e se justifica por fatores subjetivos articulados (integrados) a objetivos.

Para a Igreja Universal os cultos afro-brasileiros (como outros que celebram “santos”) despertam a “malignidade” que gera a fragilidade e todo o “mal” que figura e repercute no cotidiano dos membros e não-membros.

Estabelece de certo modo uma “guerra ou batalha espiritual”, uma luta fratricida e declarada contra o “diabo”, (chuta-se santos, “trabalhos” e “despachos” nas esquinas, matas, projeta-se “jogos religiosos” com fundo político poderoso e esgota-se em si como uma ilha isolada e “segura” do universo profano pecaminoso, “perigoso”) onde incorpora-se elementos, ressignifica-se e articula-se modelos a fim de nutrir um “ethos” ordenador e regulador de uma conduta de vida. Estabelece-se como uma “máquina narrativa”, conforme Torres (2007), produtora de sentidos.

Clifford Geertz (1989) preconiza o problema das atitudes, dos atos dirigidos ou guiados por um “cosmos” (pelo problema da “teodicéia”) que justifica e insere o “absurdo” que ordena o sentido como um valor supremo, vetor absoluto.

Weber (2002), por seu turno, interpreta o problema da “teodicéia” de forma geral como o sofrimento, mal e medo da morte insuflado (embebido) de sentido capaz de confortar os afligidos. Ou seja, “teodicéias” religiosas fornecem confortos, seguranças em face das turbulências e incertezas enfrentadas na vida.

O “ethos” sagrado de um grupo, segundo Geertz (1989), abrange a ordem e se constitui em uma imagem ou tipo de vida adaptado, acomodado em face de um estado bem arrumado capaz de ordenar preferências morais, sentidos, “provados” como verdades.

Birman (2003) tem dito que a imagem da Igreja Universal tem dependido em grande medida dos eventos espetacularizados, organizados e promovidos em fase recente, que de certo modo fornecem os meios sociais e simbólicos para os que aderem à igreja se fazerem cada vez mais presentes nos espaços públicos em termos locais e globais.

Em suma, pode-se notar que o conjunto de rituais e dinâmicas religiosas como as que citamos e detalhamos acima, como outros elementos produtores de

pertencimentos, sentidos, têm ocupado espaços destacados na rotina e agenda da Igreja Universal e são erigidos em torno das correntes e das campanhas (entrosadas com a ordem objetiva, com a cultura popular, com os imperativos modernos difundidos) e tem se banalizado para fora dos lugares de culto e repercutido em grandes praças, palcos esportivos em geral e de futebol, praias como no recente evento do “Dia D” (“Dia da Decisão”), nos programas de TV (“Ponto de Luz”, “Coisas da Vida”, “O Santo Culto em seu Lar”, “Pare de Sofrer” – frase que serve como marca da Igreja Universal – e “Vidas Transformadas” na RECORD e na REDETV), no controle de produtoras e gravadoras (Line Records) que lançam CDs e DVDs (gospel com ritmos tocados no universo “profano”, as “cristotecas”), editoras de livros escritos pelo Bispo, com enfoque na prosperidade, empreendedorismo, competitividade, felicidade, cura, de jornais (Folha Universal) e revistas (como a Plenitude); em redes de varejos ou lojas especializadas em artigos religiosos como moda, locadoras, entre outros objetos que “simbolizam” redes de pertencimentos; pode ser percebida de certo modo a presença de feixes ou fragmentos que se remetem a cultura de cultos pentecostais em viadutos e pilastras dos centros urbanos metropolitanos (como a Avenida Brasil no Rio de Janeiro ou a Beira Rio em Campos) sob a forma de grifos pixados de referências bíblicas e por frases religiosas motivadoras estampadas em vidros de carros, portas de residências, cartazes ou na filantropia dos Centros Sociais e ONGs, fazendo parte da paisagem urbana e social da ordem capitalista hoje.

## **Considerações Finais:**

Por que a Igreja Universal não pára de abrir igrejas, esticar o rebanho, ocupar e se equilibrar em frentes religiosas e não-religiosas?

Por que a Igreja Universal tem incomodado outros grupos, cultos, agentes, atores, tem interpelado pesquisadores?

Por que tem sido um personagem polêmico, gerado e tido desconfianças?

Como a Igreja Universal se insere na ordem social capitalista, se forma e se conforma em face nas cidades como Rio de Janeiro e Campos dos Goytacazes?

Como fornece respostas, estabelece os discursos, as atitudes, as condutas?

Um conjunto de fatores que apresentamos no corpo do trabalho, apesar de não esgotar as fontes, resultados sobre o objeto que decidimos estudar – e nem se pretende empreender abrangente tarefa, mas achar um enfoque que talvez desperte de certo modo “estranheza”, particularidade, originalidade – concorre para tomar a Igreja Universal do Reino de Deus como um modelo religioso, sobretudo a partir de uma conjuntura urbano-industrial no capitalismo da periferia, como no Brasil, onde tem se conformado e justificado os valores, modos e estilos de vida burgueses e estabelecido metas com o objetivo de competir com outros cultos, grupos e forças do campo religioso e político como um todo.

Como preconiza Mariano (2005), com o neopentecostalismo a “velha mensagem da cruz” se desfaz e jaz outra com roupagem dinâmica. A Igreja Universal redefine as fronteiras e estatutos do religioso.

A Igreja Universal fornece um conjunto de significados, em grande medida com base na Teologia da Prosperidade a fim de “capacitar” os que aderem, os que procuram os templos, de discursos, de “armas” sagradas e profanas. Para enfrentar a pobreza, o desemprego, lidar com os conflitos de ordem conjugal, obter uma vida “santificada”, enriquecer, consumir, satisfazer desejos, ser feliz, o crente precisa parar de sofrer de modo a lutar para vencer todo o mal que logra incomodar, “amarrar” e se “regenerar” – escapar do “azar” a alcançar a “sorte”, fortuna. Forma condutas com perfis “empreendedores”.

“Vamos invadir as cidades!”, em brado profere o Bispo à frente da igreja, Edir Bezerra Macedo, em 2002, ano em que a IURD tinha completado 25 anos, frase que remete de certa forma, a um projeto difusor e em grande medida de poder da igreja.

Apesar da ordem secular presente, do Estado laicizado, cabe destacar que isso não implica no fim do misticismo, do cultivo do “sagrado”, (que se desloca, opera e se reverbera) e que igrejas como a Igreja Universal, por exemplo, tem se credenciado no campo religioso, na vida social como um todo e tido a grande habilidade de articular respostas encantadas e racionalizadas a partir de uma ordem objetiva secularizada. Ou seja, adota estratégias sempre “alerta em tempos de guerra”, onde tem se atualizado e se adaptado, incorporado um planejamento talvez informado por ambigüidades: entre espiritualizar e racionalizar, sagrado e profano, subjetivo e objetivo, Deus e Diabo – perdedor e vencedor, azar e sorte. Para a “jaula de ferro” do desencanto emerge “rumores” de (re)encantos.

Contudo, partimos da Igreja Universal como janela para entender (e interpretar) os recentes deslocamentos, compartilhamentos e desdobramentos enfrentados e trilhados pelo campo religioso brasileiro, sobretudo a partir dos anos de 1970, a saber, pela origem da Igreja Universal como um dos ramos que fazem parte dos “Novos Movimentos Religiosos” (NMRs).

Pode-se perceber no presente trabalho que articulamos modos particulares e gerais protagonizados e orquestrados pela Igreja Universal, ou seja, das atitudes, condutas a aparelhos, aparatos e conjunturas de modo a se chegar a um debate de que a igreja engloba o objetivo com o subjetivo (o sagrado com o profano) a fim de fornecer respostas urgentes que extrapolam limites religiosos e se estabelece como um “poderoso e vigoroso aparelho político-religioso” da vida social, onde se apresenta como a alternativa de “gestão” moral e social da ordem capitalista.

## Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Ronaldo. **A Igreja Universal e seus Demônios – um estudo etnográfico**. São Paulo, FAPESP, 2009.

\_\_\_\_\_ **Pluralismo Religioso e Espaço Metropolitano**. In: *Religiões e Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. ALMEIDA, Ronaldo & MAFRA, Clara [Orgs]. São Paulo, FAPESP, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_ **Medo Líquido**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_ **Em Busca da Política**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2000.

BERGER, Peter. **Um Rumor de Anjos: A Sociedade Moderna e a Redescoberta do Sobrenatural**. Petrópolis, Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_ **Reflections on the sociology of religion today**. *Sociology of Religion*, Winston-Salem, v. 4, nº. 62, Winter, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 2007.

BIRMAN, Patrícia. **Males e Malefícios no Discurso Neopentecostal**. In: *O Mal à Brasileira*. BIRMAN, Patrícia & NOVAES, Regina & CRESPO, Samira [Orgs.]. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998.

\_\_\_\_\_ **Religião e Espaço Público: Movimentos Religiosos no Mundo Contemporâneo.** Coleção de Antropologia, Attar, 2003.

BURDICK, John. **Procurando Deus no Brasil: A Igreja Católica Progressista no Brasil na Arena das Religiões Urbanas Brasileiras.** MAUAD, 1998.

CARVALHO, Marcelo Barbosa. **Proximidade espacial e distanciamento social: Determinantes da segregação sócio-espacial e percepção entre segregados e auto-segregados – um estudo de caso sobre a favela do Matadouro e seu entorno.** Dissertação de Mestrado em Políticas Sociais: Campos dos Goytacazes, CCH/UENF, 2004.

CRUZ, José Luiz Vianna. **Análise do perfil ocupacional da população de baixa renda de Campos-RJ. Artigo apresentado no seminário “Acumulação e Pobreza em Campos: uma região em debate”.** PIQUET, Rosélia [org.]. Edições PUBLIPUR/UFRJ, Série monográfica, nº3, 1986.

\_\_\_\_\_ **Mercado de trabalho e exclusão em Campos-RJ.** In: *Boletim técnico do Senac*, vol. 18, nº3, Rio de Janeiro, 1992.

FERNANDES, Rubem César. **Novo nascimento: Os evangélicos em casa, na igreja e na política.** Rio de Janeiro, Mauad, 1996.

FERREIRA, Muniz Gonçalves. **Do retorno do sagrado às religiões de resultado: Para uma caracterização das seitas neopentecostais.** In: *Antropolítica*, nº 2, EDUFF, 1997.

FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment.** Campinas, Tese de Doutorado em Sociologia, ICHF-Unicamp, 1993.

FRY, Peter. **Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo.** Debate e crítica, São Paulo, HUCITEC, nº 6, 1975.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** LTC, Rio de Janeiro, 1989.

GIUMBEILLI, Emerson. **Liberdade Religiosa no Brasil Contemporâneo: Uma Discussão a Partir do Caso da Igreja Universal do Reino de Deus.** In: *Antropologia e Direitos Humanos.* KANT de LIMA, Roberto [Org.]. EDUFF, Niterói, 2003.

GOMES, Edlaine de Campos. **Ser Única e Universal: Materializando a Autenticidade na Cidade do Rio de Janeiro.** In: *Religiões e Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo.* São Paulo, FAPESP, 2009.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **Figuras do Religioso em Movimento.** In: *O Peregrino e o Convertido. A Religião em Movimento.* Petrópolis, Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_ **Representam os Surtos Emocionais Contemporâneos o Fim da Secularização ou o Fim da Religião?.** In: *Religião e Sociedade*, v. 18, nº.1, 1997.

\_\_\_\_\_ **A Transmissão Religiosa na Modernidade: Elementos para a Construção de um Objeto de Pesquisa.** In: *Estudos de Religião*, Ano XIV, nº 18, 2000.

ISER. Núcleo de Pesquisa. **Censo Institucional Evangélico.** In: *Textos de Pesquisa.* ISER, Rio de Janeiro, 1992.

MACEDO, Edir. **Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?** Editora Gráfica Universal, Rio de Janeiro, 2004.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e Pentecostais**. Editora Autores Associados, ANPOCS, 1994.

\_\_\_\_\_ **Política e Religião – A participação dos evangélicos nas eleições**. FGV, Rio de Janeiro, 2006.

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil**. Edições Loyola, São Paulo, 2005.

MESQUITA, Wania. **Correndo atrás da prosperidade: Trabalho e empreendedorismo entre fiéis neopentecostais**. *Ciencias Sociales y Religión*, v. 9, 2007.

\_\_\_\_\_ **Percepções e estratégias de ação dos pentecostais moradores de favelas de Campos dos Goytacazes**. Projeto de pesquisa Edital Universal, CNPq/2008.

\_\_\_\_\_ **Um pé no reino e outro no mundo: consumo e lazer entre pentecostais**. *Horizontes Antropológicos*, 2007.

MILL, Stuart. **Utilitarismo**. Coleção Grandes Obras do Pensamento Ocidental, Escala, São Paulo, 2007.

NOVAES, Regina. **Crenças religiosas e convicções políticas**. In: *Política e Cultura – Século XXI*. FRIDMAN, Luis Carlos [Org.]. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

PARK, Robert. **A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**. In: *O fenômeno urbano*. VELHO, Otávio [Org.]. Rio de Janeiro, 1967.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: Uma interpretação sociológica**. Petrópolis, Vozes, 1985.

SENRA, Álvaro e RODRIGUES, Denise. **Irmão vota em irmão**. In: *Revista Espaço Acadêmico*, nº 56, 2006.

SOARES, Maria José. **Deus é pai: Prosperidade ou sacrifício? Conversão, religiosidade e consumo na Igreja Universal do Reino de Deus**. Dissertação de Mestrado em Antropologia, ICH/UFF, Niterói, 2002.

SOUZA, Suellen André. **Existir no Tráfico: percepções e vivências dos jovens traficantes de drogas da favela Baleeira**. Dissertação de mestrado em Sociologia Política, CCH/UENF, Campos dos Goytacazes, 2010.

WEBER, Max. **A Psicologia Social das Religiões Mundiais**. In: *Ensaio de Sociologia*, 5ª Edição, Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_ **Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções**. In: *Ensaio de Sociologia*, 5ª Edição, Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_ **As Seitas Protestantes e o Espírito do Capitalismo**. In: *Ensaio de Sociologia*, 5ª Edição, Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_ **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_ **Sociologia das Religiões**. Antropos, Lisboa-Portugal, 2006.

\_\_\_\_\_ **Sociologia da Religião: Tipos de Relações Comunitárias Religiosas.** In: *Economia e Sociedade*, 4ª Edição, v.1, UNB, 2000.

SIMMEL, Georg. **A Metrópole e a Vida Mental.** In: *O Fenômeno Urbano*, Zahar, Rio de Janeiro, 1997.

SWATOWISKI, Claudia Wolf. **Dinâmicas Espaciais em Macaé: Lugares Públicos e Ambientes Religiosos.** In: *Religiões e Cidades – Rio de Janeiro e São Paulo*. MAFRA & ALMEIDA [Orgs]. São Paulo, FAPESP, 2009.

**Jornais:**

Folha da Manhã

Folha de São Paulo

Folha Universal

Monitor Campista

O Dia

O Estado de São Paulo

O Globo

**Revistas:**

Anthropológicas. Ano 12, volume 19(1), 2008.

Época

Isto É

Religião & Sociedade. Volume 28, nº 2, ano: 2008.

Plenitude

Veja

**Sites, Blogs, Endereços Eletrônicos:**

[www.arcauniversal.com](http://www.arcauniversal.com)

[www.catedralcampos.com](http://www.catedralcampos.com)

[www.iurd.org.br](http://www.iurd.org.br)